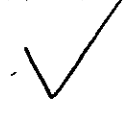


LT 55



UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE

FACULDADE DE LETRAS

DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS

O Caso da Coexistência do Ronga e Changana na Cidade de Maputo

= 432.8(679)
M 188c

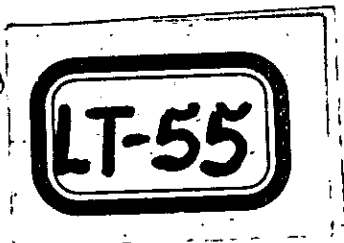
F. LETRAS U. E. M.	
N. E.	27415
DATA	12/Dez/95 100
AD. T. UNIV.	27415
COTA	LT-55

Dissertação para a obtenção do Grau de Licenciatura

João Almeida Magaia

1999

F. LETRAS U. E. M.	
N. E.	_____
DATA	____/____/____
AD. T. UNIV.	_____



O Caso da coexistência do Ronga e Changana na Cidade do Maputo

Dissertação apresentada em cumprimento parcial dos requisitos exigidos para a obtenção do grau de
Licenciatura da Universidade Eduardo Mondlane

João Almeida Magaia

Departamento de Letras Modernas
Faculdade de Letras
Universidade Eduardo Mondlane

Maputo, Moçambique
Novembro de 1999

Supervisor: Prof. Doutor Gregório Firmino

DECLARAÇÃO

Declaro que esta dissertação nunca foi apresentada, na sua essência, para a obtenção de qualquer grau, e que ela constitui o resultado da minha investigação pessoal, estando indicado no texto e na bibliografia as fontes que utilizei.

DEDICATÓRIA

À memória da minha esposa Felismina Vasco Sitoi

AGRADECIMENTOS

Quero em primeiro lugar expressar sinceros agradecimentos ao meu Supervisor, Professor Doutor Gregório Firmino pelo grande apoio e orientação na realização deste trabalho.

Ao corpo Docente do Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Letras da UEM, pela transmissão de conhecimentos que me permitiram obter uma Formação Académica Superior, o meu reconhecido agradecimento.

Endereço o meu muito obrigado ao Conselho de Administração da Radio Moçambique, em especial ao seu Presidente, dr. Manuel Veterano, e a todos os colegas da Emissão Interprovincial de Maputo e Gaza que durante os cinco anos da minha Formação Académica tudo fizeram para que não me faltasse a disponibilidade de participar nas aulas.

Aos meus informantes desejo exprimir o meu agradecimento pela valiosa, e desinteressada colaboração.

A todos os meus familiares e amigo que sempre me encorajaram a prosseguir com os estudos, renovo o meu agradecimento amigável.

A todos meu profundo OBRIGADO.

RESUMO

A coabitação de falantes das línguas Ronga e Changana na Cidade do Maputo constitui hoje uma realidade que leva a que nas interações sociais quotidianas não seja possível analisar os seus usos linguísticos em separado.

Esta coexistência faz com que, por vezes, se levante polémicas sobre qual das línguas exerce maior domínio no seio dos residentes da urbe.

No seio dos falantes do Ronga surge o sentimento de que o Changana está a ganhar mais espaço públicos em detrimento da sua língua.

Assim, este trabalho estrutura-se em seis capítulos. No primeiro fazemos a introdução do assunto. Suportamos as nossas análises com base na revisão bibliográfica, inserida no segundo capítulo. O terceiro apresenta a metodologia seguida durante a pesquisa. No quarto capítulo debruçamo-nos sobre a coabitação linguística em Moçambique para, em seguida, no quinto, fazermos a apresentação e análise de dados. O trabalho termina no sexto capítulo com as conclusões e recomendações.

SUMÁRIO

CAPÍTULO I - INTRODUÇÃO

1.1 -	Introdução.....	1
1.2 -	Objectivo do estudo.....	1
1.3 -	Motivação.....	2
1.4 -	Hipótese do trabalho.....	4
1.5 -	Contribuição do estudo.....	4
1.6 -	Procedimentos metodológicos.....	5
1.7 -	Limitações do estudo.....	5

CAPÍTULO II - REVISÃO BIBLIOGRÁFICA E CONCEITOS BÁSICOS

2.1 -	Introdução.....	6
2.2 -	Língua e dialecto.....	6
2.3 -	Comunidade linguística.....	8
2.4 -	Contacto de línguas.....	9
2.4.1 -	Factores e consequências do contacto de línguas.....	11
2.4.1.1 -	Mudança, expansão e declínio linguísticos.....	11
2.4.1.2 -	Suicídio, assassinio e morte linguísticos.....	15
2.5 -	Atitudes linguísticas.....	16
2.6 -	Reavivamento linguístico.....	17
2.7 -	Notas finais.....	18

CAPÍTULO III - METODOLOGIA DE TRABALHO

3.1 -	Introdução.....	19
3.2 -	Inquéritos.....	20
3.3 -	Entrevistas.....	20
3.4 -	Mesas - redondas.....	21
3.5 -	Observação participativa.....	22
3.6 -	Pesquisas documentais.....	23
3.7 -	Notas finais.....	23

CAPÍTULO IV - SITUAÇÃO LINGUÍSTICA MOÇAMBICANA

4.1 -	Introdução.....	24
4.2.1 -	Situação geral.....	24
4.2.2 -	Coexistência das línguas Changana e Ronga na Cidade do Maputo.....	25
4.3 -	Percurso histórico da coabitação dos falantes das línguas Ronga e Changana.....	27
4.4 -	Diferenças entre as línguas Ronga e Changana.....	32
4.4.1 -	Aspectos lexicais.....	34
4.4.1.1 -	Palavras diferentes para o mesmo referente.....	35
4.4.1.2 -	Mesmas palavras para referentes diferentes.....	36
4.4.2 -	Aspectos fonológicos.....	37
4.5	Notas finais.....	41

CAPÍTULO V - APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS

5.1 -	Introdução.....	43
5.2 -	Causas da aparente disseminação da língua Changana e declínio do Ronga na Cidade do Maputo.....	43
5.2.1 -	Política assimilacionista do colonialismo português.....	43
5.2.2 -	Influência das emissões da Rádio Moçambique na expansão da língua Changana.....	45
5.2.3 -	Produção literária e o desenvolvimento das línguas Ronga e Changana.....	48
5.2.4 -	Influência da extensão territorial e do número de falantes na expansão do Changana.....	53
5.2.5 -	Contratação de Moçambicanos para as Companhias mineiras da África do Sul.....	56
5.2.6 -	Migrações internas como factores de disseminação da língua Changana.....	58
5.3 -	Atitudes perante o uso das línguas Changane Ronga na Cidade do Maputo e nalgumas zonas de falantes do Ronga.....	60
5.4 -	Consequências linguísticas da coabitação das línguas Ronga e Changana.....	64
5.5 -	Notas finais.....	69

CAPÍTULO VI - CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

6.1	Introdução.....	69
6.2 -	Conclusões.....	69
63 -	Recomendações.....	70
	Bibliografia.....	70

CAPÍTULO I - INTRODUÇÃO

1.1 Introdução

Neste capítulo vamos apresentar o objectivo do nosso estudo, os factores que nos motivaram a debruçarmo-nos sobre as problemáticas da coexistência do Ronga e Changana na Cidade do Maputo e a hipótese de trabalho. De igual modo iremos apresentar a contribuição do estudo, os procedimentos metodológicos e as limitações do estudo

1.2 Objectivo do estudo

A Cidade do Maputo foi desde muito tempo um centro de atracção de muitas pessoas, oriundas de diversas zonas do país, o que levou a que se tornasse num centro de coexistência de grupos etno-linguísticos diferentes.

Apesar de a urbe ter chamado a si pessoas de todas as províncias do país, os provenientes das províncias do Sul, principalmente de Gaza e Maputo (falantes das línguas Changana e Ronga) são os que constituem a maioria dos residentes da Cidade do Maputo, participando conjuntamente em todas as interacções sociais quotidianas.

A coabitação dos falantes das línguas Changana e Ronga na Cidade do Maputo tem como consequência a mudança que se manifesta pela aparente expansão de uma das línguas em detrimento da outra. É nesta base que no seio dos falantes da língua Ronga parece surgir um sentimento de revolta perante o que chamam da expansão da língua Changana, colocando em perigo de extinção a língua Ronga..

Objectivo Com este estudo procuramos identificar as evidências, as razões e a natureza da suposta expansão da língua Changana e o aparente declínio da língua Ronga na cidade do Maputo, tendo como base os vários factores que intervêm nas interacções sociais e as atitudes linguísticas dos falantes residentes nesta zona, perante o uso quotidiano das duas línguas.

Apesar de o Changana e o Ronga manterem uma inteligibilidade mútua e poder-se afirmar cientificamente que são dialectos da mesma língua, como tentaremos demonstrar no capítulo V, deste trabalho, tratá-las-emos como línguas diferentes pertencentes ao Grupo Tsonga, nome que significa Leste, denominação que segundo Junod (1934:25) "não goza de grande favor e não é inicialmente satisfatória, mas visto que significa *povo do Leste* e que a tribo vive na parte oriental da África meridional, será naturalmente recebida sem grande dificuldade".

De igual modo iremos ao longo do nosso estudo apresentar a denominação destas duas línguas sem o prefixo de classe como seria ideal no tratamento das línguas Bantu. Assim vamos usar os termos Ronga e Changana e não *Xironga* e *Xichangana*, para dar coerência à língua de descrição, o Português, salvo nos casos em que iremos apresentar exemplos dos usos específicos das duas línguas..

1.3 Motivação

O problema da aparente expansão da língua Changana na Região sul de Moçambique tem por vezes levantado discussões entre os falantes chegando-se, por vezes, ao extremo de alguns negarem a sua pertença ao Grupo Tsonga e haver no seio de alguns Rongas o sentimento de que a língua Changana está a *roubar* os lugares públicos à sua língua.

Ficamos mais curiosos depois de termos acompanhado um debate radiofónico (realizado em 1993 na Emissão Interprovincial de Maputo e Gaza da Rádio Moçambique) sobre se as três línguas (Ronga, Changana e Xitshwa) pertencem ou não ao Grupo linguístico denominado *Tsonga*.

Neste debate, as opiniões defendidas pelos participantes mostraram um desvio sobre o tema principal, começando a girar à volta daquilo que se pode considerar de luta entre as línguas Ronga e Changana pela ocupação do espaço social.

Neste caso surgiram dois grupos:

- os falantes do Ronga a defenderem que a sua língua está em perigo devido à maior expansão da língua Changana.
- Os falantes do Changana a afirmarem que os pronunciamentos dos primeiros não correspondem à verdade porque há várias pessoas a falarem Ronga, incluindo os provenientes de Gaza e o que se fala em Maputo não é Changana.

A partir dos finais da década oitenta começou a existir, na Cidade do Maputo, no seio dos falantes da língua Ronga, um movimento, denominado *Khwekhweti*, que se intitula de *defensor da sua Língua*, que acha estar a correr o risco de extinção devido ao uso generalizado do Changana. Para este movimento, é necessário procurar todas as formas de inverter a situação de modo a que o Ronga tenha maiores usos, por ser a língua nativa desta região do Maputo.

Por sua vez, a *NGIYANA* (Associação dos Naturais e amigos do Maputo) logo nos princípios da sua existência, (apesar de nas suas reuniões os membros usarem a língua portuguesa), mostrou-se preocupada com a defesa dos usos linguísticos dos Rongas que, segundo a sua opinião, se encontram em declínio, perante a expansão da língua Changana, tendo por isso adoptado o termo *Nakulorhi* (companheiro) como forma de tratamento que enfatiza a sua pertença à língua Ronga e a necessidade do seu uso.

Outro factor que nos motiva a trabalhar neste assunto é a “abundância” da literatura em língua Changana nas várias zonas da região do Sul de Moçambique, nomeadamente nas Províncias de Maputo e Gaza e na Cidade do Maputo o que contrasta com a escassez de textos escritos na língua Ronga, mesmo de carácter religioso.

Estes factos levam-nos a interessarmo-nos pelo estudo deste caso para se encontrar uma explicação do que acontece em relação ao desenvolvimento das duas Línguas na Cidade do Maputo.

1.4 Hipótese de trabalho

Na cidade do Maputo o Changana está em expansão que se traduz em:

- aumento do numero dos seus falantes;
- diminuição de falantes do Ronga;
- uso generalizado do Changana, em vez do Ronga, nos lugares públicos;
- percepção nos cidadãos Rongas de que o Changana está a suplantar o Ronga;
- pouco uso do Ronga nas camadas jovens.

Assim será com base nesta hipótese que iremos desenvolver o nosso estudo com vista a confirmar ou não a sua veracidade e determinar as razões que levam a que haja este sentimento em relação aos usos linguísticos que caracterizam a Cidade do Maputo

1.5 Contribuição do estudo

As conclusões deste estudo poderão ajudar na análise e compreensão de fenómenos linguísticos idênticos que possam eventualmente ocorrer noutras regiões de Moçambique, onde coexistem línguas do mesmo grupo ou variantes da mesma língua.

Por outro lado, ao conseguir-se explicar a razão desta aparente expansão abrir-se-á um caminho para atenuar as polémicas que por vezes surgem no seio dos falantes, sobre qual das duas línguas (Ronga ou Changana) está a exercer um domínio e porque razão.

1.6 Procedimentos metodológicos

Áo longo da nossa investigação procuramos usar métodos qualitativos que incluíram:

- a) inquéritos sociolinguísticos aos falantes das línguas Changana e Ronga residentes na Cidade do Maputo;
- b) entrevistas estruturadas a falantes das duas línguas;
- c) realização de mesas-redondas com pessoas de variadas gerações;
- d) consulta de documentos disponíveis sobre os usos linguísticos do Ronga e Changana;
- e) observações participativas dos usos linguísticos quotidianos dos falantes das línguas Ronga e Changana, residentes na cidade do Maputo.

1.7 - Limitações do estudo

Apesar de o estudo ter objectivo de clarificar até que ponto a coabitação das línguas Ronga e Changana permite que haja influências mútuas e procurar descobrir as razões de aparentemente uma das línguas sobrepor-se à outra, não se poderá esgotar todas as questões que se colocam na expansão e declínio, porque a coexistência origina sempre uma mudança linguística em todos os intervenientes, isto é, mesmo a língua que tende a exercer o domínio sobre as outras não deixa de ser influenciada por elas.

Pela natureza do trabalho que nos propomos fazer, não iremos aprofundar a investigação sobre se as duas línguas são dialectos ou são línguas separadas.

A grande dificuldade encontrada durante a pesquisa foi o estado emocional de que os informantes são apossados, quando falam da coexistência do Ronga e Changana na Cidade do Maputo.

CAPÍTULO II

REVISÃO BIBLIOGRÁFICA E CONCEITOS BÁSICOS

2.1 Introdução

No presente capítulo pretendemos apresentar o enquadramento teórico que vai suportar o nosso estudo.

Assim a nossa discussão incidirá sobre os seguintes aspectos:

- língua e dialecto
- comunidade linguística
- contacto de línguas
- factores e consequências do contacto de línguas
- atitudes linguísticas
- reavivamento linguístico

2.2 Língua e dialecto

A distinção entre língua e dialecto tem levantado várias polémicas, não só no seio dos falantes de variantes da mesma língua mas também em muitos estudiosos. É assim que vários linguistas e sociolinguistas se têm debruçado sobre o assunto.

Segundo Hudson (1980:119) "existem três tipos de divisões: língua, dialecto e registo. Contudo estas divisões são-extremamente problemáticas sob o ponto de vista da sua distinção e a forma da sua delimitação". Coloca em discussão a base com que por vezes se define o conceito língua. Para este autor existe o posicionamento dos falantes sobre o que chamam língua e dialecto, que difere do ponto de vista dos cientistas que consideram a língua como a totalidade das diversas formas de falar dos membros de uma comunidade linguística.

É nesta óptica que Carvalho (1973:327) defende que a língua "abrange vários idiomas e por isso vários sistemas e é linguisticamente assistemática e heterogénea (...) abrange todos os modos de falar, todas as técnicas linguísticas - variedades interindividuais, geográficas, sociais e históricas por vezes muito diferentes entre si, faladas pelos diversos indivíduos que se sentem e confessam como membros de uma comunidade linguística una".

Garmard (1983:50) depois de afirmar que a língua seria a soma de todas as variações locais e sociais defende que a "definição do que é uma língua e a sua valorização depende muito de atitudes, sentimentos e comportamentos" da sociedade.

Tendo em conta que todas as línguas exibem no seu interior uma grande quantidade de variações, Wardhaugh (1986:45) defende que cada língua existe no número das suas variações, o que quer dizer que o que consideramos língua deve ser a soma das suas variações.

Enquanto Saussure (1992ed:334) diz ser "difícil afirmar em que consiste a diferença entre uma língua e um dialecto é que muitas vezes um dialecto toma o nome de língua só porque produziu uma literatura", Carvalho (1973:298) afirma que "a diferença entre língua e dialecto reside no grau de diversidade dos idiomas considerados relativamente a outros, geneticamente *parentes* a que se mediria pelo grau de compreensibilidade mútua dos seus falantes: os idiomas vizinhos *a* e *b* seriam dialectos de uma só língua se, usando cada um o seu, os falantes *A* e *B* se compreendessem, seria línguas no caso contrário".

Para este autor "o termo dialecto é usado particularmente como referência a uma variação regional. Pode também ser usado para descrever as diferenças na maneira de falar associada a vários grupos sociais.

Gregory & Carrol (1978) faz a distinção dos dois conceitos afirmando que "os traços característicos que diferenciam as formas de usar uma língua são categorizados como dialectais. Assim um dialecto não é menos lógico, nem menos *língua* que uma língua"

Assim devido à problemática da definição dos termos língua e dialecto este autor chama a atenção para o facto de o público não especialista ter a tendência de pensar que o termo dialecto se refere a uma língua pobre e por vezes confunde dialecto com sotaque.

Para sair da polémica sobre a distinção dos conceitos língua e dialecto, Ngunga (1992) considera que "toda a língua é um conjunto de variantes que vão desde as individuais até às nacionais, passando pelas regionais, dos grupos sociais, etc."

Devido à problemática da definição que se gera em torno dos conceitos língua e dialecto no seio dos falantes, muitos autores consideram o termo variante como ideal para as diversas variações de uma língua, uma vez que, segundo Garmard (1983:50) ela "não pode ser considerada uma entidade homogénea e com limites bem definidos onde todos falam a mesma língua e da mesma maneira".

Podemos deste modo concluir que a língua é a totalidade das suas variações que são chamadas de dialectos.

Assim usaremos o termo variante para nos referirmos as diversas formas de usar a língua para evitar o termo dialecto, por este ter uma conotação valorativa na óptica do público não especialista.

2.3 Comunidade linguística

Para a definição de uma comunidade linguística, temos que partir de princípio de que o saber linguístico, como afirma Carvalho (1973: 292) sendo individual, é simultaneamente interindividual, pertença comum de muitos, que por isso mesmo os capacita não só para comunicarem entre si, mas para em conjunto realizarem uma comunidade.

Na procura da definição deste conceito, é necessário ter-se em conta vários aspectos ligados à vida, às atitudes e ao posicionamento sócio-histórico e cultural das pessoas que se identificam com uma determinada comunidade linguística.

Para Hudson (1980:25) o termo comunidade linguística tem o mesmo significado com o conceito *comunidade de fala* que significa todas as pessoas que usam a mesma língua ou dialecto.



Blomfield (1970:44) define a comunidade linguística como um grupo "de pessoas que age por meio de discurso". Esta posição corrobora com as afirmações de Gumperz (1969:463) que fala de comunidade de discurso que "já não se pode definir em função de uma só língua ou mesmo de uma só variedade de língua". Por isso no lugar de comunidade linguística prefere o termo área linguística que a define com valor de coesão e de interacção social de um grupo etno-linguístico.

Neste sentido Garmard (1983) procura definir a área linguística como um grupo social unilingue, bilingue ou plurilingue que deve a sua coesão à frequência e à densidade da interacção social.

Tendo em conta as divergências que têm havido, Fishman (1971:43) na sua definição considera que "existe uma comunidade linguística desde o momento em que todos os seus membros tenham pelo menos em comum uma variedade linguística assim como as normas do seu emprego correcto".

Carvalho (1973: 291) ao definir a comunidade linguística defende que "não é porém outra coisa senão a comunidade humana, sem outro determinativo - a sociedade dos homens em geral ou em particular -, enquanto contemplada através de um prisma especial o da linguagem".

Esta discussão leva-nos a procurar definir a comunidade linguística não só em função do uso comum duma língua mas também em relação aos aspectos de identidade sócio-cultural e histórico.

2.4 Contacto de línguas

De acordo com Weinreich (1974: 1) e Gregory & Carrol (1978) diz-se que duas ou mais línguas estão em contacto quando são usadas alternadamente pelas mesmas pessoas o que pode originar interferências mútuas.

Para Weinreich (1974) "a prática de uso alternado de duas línguas chama-se Bilinguismo (...) e o desvio que ocorre nas normas de cada uma das línguas, durante a fala de um bilingue, resulta da sua familiarização com normas de mais de uma língua e é chamado *interferência*. Este fenómeno tem impacto nas normas de cada uma das línguas expostas ao contacto".

Sobre este assunto Edwards (1994:89) defende que "numa situação multilingue as comunidades linguísticas ao entrarem em contacto surge a necessidade do Bilinguismo, da tradução e o uso das línguas francas. A proximidade e convivência criam condições para a interpenetração das línguas através de empréstimos e outro tipo de influências mútuas".

Estes empréstimos podem ocorrer em todas as línguas que entram em contacto nas interacções social.

Thomason & Kaufman (1988:37) define os empréstimos que surgem através dos contactos de línguas como sendo "a incorporação de termos estrangeiros numa língua nativa acomodando-os nas normas que a regem, sendo os factores sociais os principais determinantes das consequências linguísticas".

Numa situação de contacto de línguas para além dos empréstimos pode surgir a interferência que segundo Weinreich (1974:14) ocorre quando um falante bilingue introduz fonemas dum sistema linguístico no outro, sem se preocupar com a sua acomodação nas normas deste.

Wardhaugh (1987:1) defende de que "ao longo da História há línguas que nascem e outras que morrem. Numa situação de contacto, algumas línguas avançam e outras reduzem o seu poder comunicativo. Hoje em dia sabe-se que a fidelidade linguística está associada a vários factores e as pessoas parecem ter a consciência de que o valor da língua reside na importância do seu uso quotidiano e do seu valor social" como instrumento de comunicação e de desenvolvimento humano.

Uma análise ao desenvolvimento social e linguístico no Mundo, leva a concluir que existem línguas que se expandem para além das suas zonas originais e há outras que cedem as suas zonas de influência, perdendo falantes e várias áreas de uso social, resultando disso o seu declínio ou desaparecimento.

Garmard (1983) defende que "as reservas lexicais de línguas em contacto conseguem manter-se distintas quando, permanecendo cada uma delas como um conjunto autónomo de signos, cada um desses signos conserva, por sua vez, a relação *significante/significado* que lhe é própria".

No Mundo actual raramente existe uma situação de não interpenetração das línguas em contacto, pois, como afirma Weinreich (1974: 47) "há várias formas de o vocabulário de uma língua interferir na outra. Se tivermos duas línguas em contacto há morfemas que se transferem duma para a outra, com a mesma significação ou com novas funções".

Sobre este assunto Garmard (1983) defende que "quando há sistemas linguísticos em contacto a interferência pode dar-se a todos os níveis..." e as influências mútuas podem levar a mudanças linguísticas.

Do posicionamento dos autores que se debruçam sobre o contacto de línguas deduz-se que o contacto de línguas tem como consequência a sua interpenetração, o que pode originar algumas alterações nos usos linguísticos dos indivíduos e das comunidades em coabitação.

2.4.1 Factores e consequências do contacto de línguas

2.4.1.1 Mudança, expansão e declínio linguístico

Faria (1996:511) afirma que "a mudança que ocorre em situações de contacto linguístico não se confunde com a mudança inerente a qualquer língua (todo o sistema linguístico é constituído por subsistemas sujeitos à transformação, por vezes com outros subsistemas, por vezes isoladamente) (...). Trata-se de um processo do mesmo tipo mas com origem diferente e consequências diversas".

Segundo este autor a mudança decorrente do contacto de línguas "é realizada pelos falantes que numa situação de contacto com outra língua, tendem a aproximar-se progressivamente do sistema desta, introduzindo-lhe modificações em parte explicáveis pelo sistema prévio que possuem".

Fasold (1984:213) fala da manutenção e mudança linguística como intimamente ligadas à escolha linguística. A mudança linguística significa simplesmente que uma comunidade abandona a sua língua a favor da outra. Na manutenção linguística a comunidade decide colectivamente continuar com o uso da língua ou das línguas que eram tradicionalmente usadas.

Lehman (1969:11-16) no seu estudo sobre as variações duma língua conclui que "as mudanças linguísticas podem iniciar-se quando há coabitação dos seus falantes e quando os falantes duma língua adoptam elementos da outra ou quando falantes de um dialecto usam as formas do outro".

Por isso a coabitação de duas ou mais comunidades linguísticas no Mundo ou num espaço territorial com limites definidos arrasta consigo a desigualdade nos usos funcionais das línguas envolvidas, bem como no seu desenvolvimento o que origina em muitos casos a mudança linguística.

Partindo do pressuposto de que não existem línguas melhores e piores, todas tem uma capacidade de exprimir o ponto de vista cultural dos seus utentes e a sua maneira de encarar a vida neste planeta, podíamos pensar que, numa situação de coexistência, as influências mútuas e as hipóteses de crescimento e expansão seriam equitativas, mas tal não acontece devido às possibilidades diferentes que os grupos linguísticos encontram no seu dia a dia.

Neste sentido surgem línguas a sobreporem-se às outras devido às condições sociais, geográficas, económicas, políticas e outras que determinam os elementos necessários para o desenvolvimento e expansão duma língua.

Wardhaugh (1982:2) no seu estudo sobre a disseminação ou declínio duma língua afirma que "muitos dos factores que contribuem para a mudança, retraimento ou expansão duma língua podem surgir sem a sociedade estar consciente da sua ocorrência", salvo nos casos em que há uma intervenção deliberada do governo através da planificação linguística, onde há uma decisão sobre os usos linguísticos num determinado país.

Ao falarmos da coabitação de comunidades linguísticas, é necessário termos em conta que no desenvolvimento histórico e social há línguas que experimentam períodos de ascendência, ganhando prosperidade através da aquisição de um número elevado de novos falantes e alargando as suas influências. Contudo há línguas que perante o avanço das outras se retraem e entram em declínio.

Segundo Wardhaugh (1987:2) "todas as línguas estão em constantes mudanças que podem afectar positiva ou negativamente a sua atractividade para com os falantes. Podem ganhar mais falantes ou perdê-los por completo ou deixar de desempenhar certas funções.

A língua pode manter a sua vitalidade se os seus falantes a usarem nas seguintes situações: na sua comunicação diária, na escrita, no trabalho, nos seus afazeres, publicando livros, usando-a na Radio e na Televisão e em todas as situações em que se encontrarem".

Hoffmann (1991: 186) sobre o retraimento de certas línguas afirma que "quando uma comunidade deixa de manter a sua língua, começando a adoptar outra dizemos que há um declínio linguístico".

A partir daqui podemos considerar que para a língua se manter viva e forte é necessário que os seus utentes estejam em condições de desenvolvê-la e defendê-la perante as ameaças das outras.

Appel & Muysken (1987:33) afirmam que dos vários factores que influenciam a manutenção ou a mudança linguística, o *estatuto, a demografia e o suporte institucional* dum língua têm uma grande importância naquilo que chama de *vitalidade etnolinguística* que leva a que uma comunidade linguística seja uma entidade colectiva no seio doutras comunidades.

Para Makrakis (1990:5) os *mass-media, a ocupação, a igreja, a educação, o convívio com os amigos e a situação familiar* têm grande influência na manutenção cultural e linguística.

O mesmo autor defende que há certas forças e factores sociais que afectam a manutenção ou a mudança linguística que se operam sobre ou fora do grupo em si.

Nesta base cita Ramirez (1985) enumerando os seguintes factores que influenciam a manutenção e a mudança linguística:

- o estatuto do grupo linguístico (em termos económicos, poderes político, social, ocupacional e a mobilidade populacional);
- as atitudes sobre o uso dessas línguas;
- o número de falantes e a sua distribuição geográfica;
- o suporte institucional ou governamental.

Appel & Muysken (1987:13) apresentam a mudança económica, a modernização, a industrialização e a urbanização como variáveis de grande relevo na manutenção ou mudança linguística.

Em relação à disseminação duma língua, Edwards (1989:104) considera os negócios, aventuras militares imperialistas e a conversão religiosa como factores fortemente aliados à expansão linguística.

Muitos linguistas apontam vários exemplos de línguas que se expandiram através das conquistas militares: O Latim, o Grego, o Árabe e o Turco que se impuseram em áreas particulares e se mantiveram por força durante séculos.

Nesta expansão, a língua em disseminação sofre algumas mudanças através de incorporação de vários aspectos lexicais, vocabulares, fonológicos, morfológicos e sintácticos.

A dominação e influência linguística através da religião têm também demonstrado a sua força no seio das comunidades na medida em que as crenças religiosas têm maior força na vida, nos comportamentos e na atitude das pessoas, o que vai de certa maneira influenciar os seus usos linguísticos.

Para Wardhaugh (1987:6) "entre os factores - isolados ou combinados - que contribuem para a disseminação ou contracção duma língua destacam-se a expansão religiosa, as migrações políticas e económicas, o isolamento geográfico e a urbanização".

Sobre a influência das cidades, Fasold (1984:241) afirma que "as pessoas que vivem num meio urbano, nos centros industriais ou comerciais, se a sua língua for minoritária têm maiores probabilidades, do que as outras, de mudar para a que está a evoluir".

Apesar desta imposição da mudança, Makrakis (1990:7) defende que uma língua por mais que seja minoritária ou de emigrantes se for também língua de Religião e for usada na Igreja ganha força e tem condições para a sua manutenção.

O facto de numa comunidade multilingue privilegiar-se o uso de umas línguas em detrimento de outras, não é pacífico, pois, pode originar o declínio ou morte de uma ou mais línguas a favor da expansão de outras, e segundo Edwards (1994:89) "...as línguas em contacto tornam-se línguas em conflito, isto porque, por forças de circunstâncias - que podem ser naturais ou inventadas - um grupo começa a abandonar a sua língua original passando a usar outra".

O declínio ou morte de uma determinada língua é um fenómeno com efeitos negativos porque segundo Wardhaugh (1982:190) "começa a perder a sua base territorial e pouco a pouco os seus falantes deixam de ser monolíngues passando a usar a língua que aparece como dominante.

Nestas situações a língua dominada perde gradualmente as suas áreas de uso e finalmente fica ameaçado, passando a ser uma língua doméstica, perdendo provavelmente as áreas sociais, políticas e económicas".

Uma língua em declínio, segundo Wardhaugh (1987:19) "chega a ter os seus signos em sérios problemas. Começa a ser mal falado, isto é, as pessoas apresentam uma insegurança no seu uso, aparece na sua estruturação maior número de empréstimos que afectam as áreas fonológica, morfológica, vocabular e a sua sintaxe".

Apesar de a língua ser o símbolo de identidade não se pode dizer que quando há um declínio linguístico há também o desaparecimento do grupo étnico. É nesta base que Wardhaugh (1987:19) defende que "a perda da língua não significa a perda de identidade do grupo e cita vários exemplos como os casos dos Irlandeses que podem ter perdido a sua língua mas que permanecem com a identidade do seu grupo étnico; da maioria dos Bascos que não usa a língua basca mas que não se considera espanhol. Segundo o mesmo autor, o grupo étnico do país de Gales perdeu a sua língua mas permanece claro que não é Inglês.

Em vários países do Mundo podemos encontrar exemplos de línguas em declínio ou prestes a desaparecer, mas existem grupos que se intitulam de *seus filhos e defensores*.

2.4.1.2 Suicídio, assassínio e morte linguístico

Em relação à questão do declínio ou morte duma língua Edwards (1994:103) fala de *assassinio* e *suicídio* das línguas. Considera *assassinio* quando numa situação de contacto de línguas diferentes aparece uma a sufocar as outras e ocupar todos os domínios da vida social. Por outro lado, quando o contacto é entre línguas similares onde há uma com um estatuto elevado, existe o *suicídio*, que se manifesta através do uso dos empréstimos das formas da variante de prestígio. Neste caso, de acordo com o mesmo autor, a comunidade pode estar a contribuir para a auto-supressão sem se aperceber.

Fasold (1984:213) defende que a morte duma língua ocorre quando uma comunidade muda totalmente para a nova língua e a antiga deixa de ser usada. Para este autor a mudança linguística só é chamada de morte linguística nos casos em que a língua que é abandonada é falada apenas pelo grupo em causa.

2.5 Atitudes linguísticas

As atitudes das pessoas perante os usos linguísticos também contribuem grandemente para a expansão, manutenção, mudança ou declínio duma língua.

Grosjean (1982:121) depois de afirmar que "a língua como instrumento de comunicação e como símbolo de identidade do grupo, é acompanhada por atitudes e valores" cita Haugen (1956) na sua afirmação de que "quando as línguas estão em contacto há probabilidade de haver certas atitudes favoráveis ou desfavoráveis em relação aos seus usos. Isto tem um efeito psicológico profundo nos indivíduos e nos usos dessas línguas".

O mesmo autor (p.123) defende que as atitudes perante as línguas têm um papel muito importante na sua aceitação. Cita como exemplo o facto de haver poucos franceses a aprenderem Bretão ou Alsaciano mas muitos falantes nativos do Bretão e Alsaciano aprendem o Francês. Situação idêntica existe na Bélgica onde há uma alta percentagem dos falantes do Flamengo que ao mesmo tempo são falantes do Francês, o que não acontece com os falantes nativos do Francês.

2.6 Reavivamento linguístico

Vários linguistas consideram que a língua ganha a sua vitalidade através do seu uso na comunicação quotidiana dos seu utentes e nos meios que possam permitir a sua expansão e manutenção.

É assim que Edwards (1994:118) defende que a comunidade linguística pode fazer reaviver a língua. Quando uma língua está em declínio absoluto ou quase completo tem que se procurar injectar nova vida para o seu rejuvenescimento.

Para Wardhaugh (1987: 25) a política linguística de um determinado país é que contribui para que a língua tenha vantagens ou desvantagens, seja disseminada ou sofra retraimento pois o florescimento está relacionado com as vantagens que a língua tem no tratamento das questões políticas, económicas, culturais, educacionais, religiosas e outras.

Podemos concluir que a coabitação de línguas tem como consequências o surgimento de estatutos diferentes das línguas. A língua ganha vitalidade se tiver uso funcional e cobrindo várias áreas sociais, culturais, políticas e económicas.

Esta cobertura deve ser acompanhada de literatura. Para além disso, tendo em conta a força que a religião tem na vida das pessoas, o uso de uma determinada língua nas igrejas ou seitas pode influenciar os usos linguísticos de várias comunidades, contribuindo em certos casos para a expansão duma determinada língua em detrimento de outras.

O uso duma determinada língua nos órgãos de comunicação, principalmente na Rádio e na Televisão, permite a sua disseminação e conseqüente influências sobre as outras não usadas.

2.7 Notas finais

Ao longo deste Capítulo vimos que a linha teórica dos diversos autores mostra quão importante é a influência que o pensamento dos utentes das línguas exerce na definição dos vários conceitos que intervêm na discussão sobre os usos linguísticos da sociedade. Enquanto os sociolinguistas consideram a língua como o somatório de todas as variantes (regionais, sociais, culturais, etc) os falantes por vezes definem e diferenciam a língua do dialecto de forma valorativa.

Ligada à questão da língua e dialecto vimos que a comunidade linguística pode ser definida como uma comunidade de homens ligadas entre si através dos seus usos linguísticos comuns.

Sabe-se que hoje em dia é difícil encontrar uma língua ou comunidade linguística isolada, por isso as línguas do mundo estão em constantes mudanças através de contactos que se estabelecem entre si, levando a que umas se expandam e ganhem mais falantes ou percam os seus falantes e entrem em declínio.

A mudança que se gera através do contacto de línguas não afecta apenas as menos fortes. Uma língua por mais dominante que seja tem algo a receber das outras com as quais mantém contacto.

Para a disseminação duma língua há vários aspectos que intervêm, dentre os quais podemos salientar:

- as conquistas militares;
- os negócios;
- a política linguística;
- as atitudes dos falantes;
- o contributo da literatura;
- o número dos seus falantes e a sua distribuição geográfica.

Durante a expansão, a língua, por mais que se revele dominante, ao entrar em contacto com as outras ganha nova vitalidade, surgindo assim uma mudança linguística.

Neste estudo sobre as consequências da coexistência das línguas Ronga e Changana os diversos aspectos que intervêm no contacto de línguas devem ser tomadas em consideração para a compreensão das mudanças que surgem nos usos linguísticos.

CAPÍTULO III

METODOLOGIA DE TRABALHO

3.1 - Introdução

Para a realização deste trabalho fizemos um estudo no seio dos membros das duas comunidades linguísticas (Changana e Ronga) que coabitam a cidade do Maputo com vista a encontrar uma explicação sobre a aparente disseminação da língua Changana e do retraimento do Ronga.

Este estudo foi feito com o objectivo de encontrar no seio dos falantes os seguintes aspectos:

- razões e evidências da disseminação da língua Changana na Cidade do Maputo e do aparente declínio da língua Ronga;
- factores que concorrem para o aparente uso generalizado do Changana;
- os usos linguísticos reais que surgem como consequência da coabitação das Comunidades Ronga e Changana na Cidade do Maputo.

Como forma de atingir os objectivos propostos recorreremos à realização de:

- Inquéritos
- Entrevistas
- Mesas-redondas
- Observação participativa nas interacções sociais.
- Pesquisas documentais

3.2 Inquéritos

Foram realizados no seio de falantes nativos do Ronga e do Changana (com base no anexo 1), residentes na Cidade do Maputo, com o objectivo de colher a sua opinião sobre se existe ou não a introdução de termos Changanas na sua língua e em que grau. Procurou-se ouvir destes falantes a explicação do que consideram influências ou interferências lexicais, tonais e fonológicas do Changana no Ronga ou vice-versa.

No seio dos religiosos das diversas Igrejas e Seitas os inquéritos foram feitos para se saber em que língua está a bibliografia que usam nas actividades religiosas, tendo em conta que constituem a maioria dos que usam a literatura nas duas línguas, e a partir disso analisarmos a natureza das influências linguísticas na comunicação quotidiana.

Estes inquéritos foram realizados nos Bairros de Magoanine, Albasine, Mavalane, Aeroporto e Maxaquene.

3.3 Entrevistas

Com base no nosso guião de entrevistas(anexo 2) colhemos opiniões de pessoas, de várias idades, residentes dos diversos bairros da Cidade do Maputo, previamente seleccionados, sobre:

- a língua que mais usam no dia a dia;
- a língua que falam quando estão no ambiente familiar;
- a língua que usam em ambientes extra-familiares;
- a língua em que habitualmente recebem a informação sobre os acontecimentos políticos, económicos, sociais e políticos através da imprensa ou Rádio;
- A língua em que está a literatura que usam.

Ao longo das entrevistas procuramos saber a existência ou não de acções ligadas à manutenção e desenvolvimento das línguas Changana e Ronga.

Através destas entrevistas procuramos analisar a relação entre a idade e os usos linguísticos que caracterizam a Cidade do Maputo. Para isso as entrevistas foram feitas a indivíduos de diferentes faixas etárias.

3.4 Mesas redondas

Durante o trabalho do campo procuramos colher informações com base na confrontação de ideias através de mesas-redondas sobre:

- a língua que se fala na Cidade do Maputo;
- as consequências da política assimilacionista do Governo colonial na manutenção e desenvolvimento das línguas moçambicanas;
- as influências da língua portuguesa na mudança linguística que se verifica no Changana e no Ronga;
- a língua usada pelos filhos das famílias em que o marido é Changana e a esposa é Ronga ou vice-versa.

Os debates havidos durante as mesas redondas levaram a encontrar o que parece ser consenso em relação à língua falada na Cidade do Maputo, tendo em conta a mudança que se verifica, devido ao contacto entre as diversas línguas.

3.5 Observação participativa nas interações sociais

Com vista a obter instrumentos para uma análise eficaz da natureza dos usos linguísticos que caracterizam a cidade do Maputo procuramos ouvir e gravar conversas de homens e/ou mulheres para uma posterior análise do que se pode considerar interferências e o grau de empréstimos que se verificam entre as línguas Ronga e Changana faladas na Cidade do Maputo.

Procuramos acompanhar os usos linguísticos que caracterizam os vários encontros sociais como forma de investigar e conhecer a língua que mais se usa de acordo com a seguinte diversidade de situações:

- ambientes sociais (fontanárias e festas);
- conversas espontâneas dos jovens de ambos os sexos, misturados ou separados;
- cultos religiosos em que haja intervenções diversificadas;
- encontros para a resolução de problemas sociais e locais.

Para isso trabalhamos com os residentes dos bairros Catembe (DU1), Chamanculo e Malanga (DU2), Maxaquene (DU3), Hulene e Magoanine (DU4), Bagamoio e Zimpeto (DU 5) para além de deslocações aos distritos da Manhiça, Matutuine e Moamba na Província do Maputo (zonas consideradas de falantes nativos do Ronga).

A escolha destas zonas residenciais teve como base a sua densidade populacional, a sua localização em relação ao centro da Cidade e ainda por alguns terem sido consideradas bases dos falantes do Ronga.

Direccionamos a nossa investigação para um universo constituído por 95 indivíduos de ambos os sexos com idades iguais ou superiores a 15 anos, de modo a encontrar a variação dos usos linguísticos e das influências do Changana no Ronga, segundo as faixas etárias.

Durante o trabalho do campo contactámos falantes destas línguas (10 em cada bairro numa escolha aleatória), seguindo um questionário ou pontos previamente elaborados.

A selecção de informantes foi feita com o intuito de obter dados sobre:

- a confirmação ou não da disseminação do Changana e do retraimento do Ronga na Cidade do Maputo;
- os possíveis factores que contribuem para o maior domínio da língua Changana nos lugares públicos;
- a realidade linguística actual na capital moçambicana.

3.6 Pesquisas documentais

Para a melhor compreensão dos usos linguísticos do Ronga e do Changana procuramos fazer um estudo com base na literatura existente sobre a história e a estrutura das duas línguas.

3.7 Notas finais

Neste capítulo apresentamos a metodologia seguida durante o trabalho do campo onde para atingir os nossos objectivos recorreremos à realização de inquéritos, entrevistas, mesas-redondas, observação participativa e as pesquisas documentais.

CAPÍTULO IV

COABITAÇÃO LINGUÍSTICA EM MOÇAMBIQUE

4.1 Introdução

Este capítulo será dividido em três partes. A primeira vai pôr em destaque a situação linguística do país, da zona sul e da Cidade do Maputo. Na segunda parte vamos focalizar a nossa atenção sobre o percurso histórico que esteve na origem do contacto entre as línguas Changana e Ronga. Por último vamos apresentar as diferenças que existem entre as duas línguas.

4.2.1 Situação geral

Moçambique é um país caracterizado pela coabitação de várias comunidades linguísticas, tendo cada uma a língua com a qual se identifica, que em muitos casos é usada na comunicação quotidiana, para além da língua portuguesa considerada oficial e com uma vasta literatura.

Tendo em conta que a maior parte dos moçambicanos não tem o domínio da língua portuguesa, as línguas moçambicanas continuam a desempenhar um papel importante na simbolização da identidade e na comunicação quotidiana, em várias regiões do País.

A partilha de espaços territoriais por comunidades linguísticas diferentes leva a que haja contactos permanentes entre as línguas moçambicanas, o que influencia o seu desenvolvimento, provocando em certos casos algumas mudanças. Neste caso podemos dizer que para além da influência exercida pela língua portuguesa nas línguas moçambicanas elas também influenciam-se mutuamente e dão a sua contribuição no desenvolvimento do Português. Como afirma Stroud (1997:27) "as condições em que o Português de Moçambique está inserido são também factores na formação de amplitude de variedades que se podem distinguir. No Português de Moçambique são numerosos os exemplos de linguagem socioculturalmente específica".

De igual modo, ao nível das diversas línguas moçambicanas há vários itens lexicais que são exemplos de influências mútuas que provêm da sua coexistência no mesmo espaço territorial.

4.2.2 Coexistência das línguas Changana e Ronga na cidade do Maputo

Segundo Nelimo (1989), a língua Ronga com as suas variantes é falada nos distritos da Manhiça, Marracuene e Matutuine, na sede do distrito da Moamba e partes da Namaacha. Esta fonte procura mostrar que dentre as zonas onde se fala Ronga consta a Sede do distrito da Moamba. Contudo a realidade actual, encontrada no terreno mostrou que existe um posicionamento diferente, pois, os residentes do local dizem estar a falar a língua Changana e consideram-se como tais, sem complexos.

Por outro lado, Binford (1982:28) localiza os falantes da língua Ronga num espaço territorial que se estende da vila da Manhiça a Ressano Garcia e ocupando todo o sul do distrito de Lourenço Marques" mas actualmente, segundo o que se constata no terreno, na Moamba e nalgumas partes de Namaacha, os residentes identificam-se com a língua Changana e como tais se consideram.

Em relação à língua Changana (com as suas variantes), Nelimo (1989:104) localiza os seus falantes em toda a Província de Gaza e ainda nos distritos de Magude, partes dos distritos da Manhiça, Moamba e Namaacha o que também concorre para a confirmação de que a zona territorial ocupada pelos Rongas é muito inferior a dos falantes da língua Changana.

Ribeiro (1965:vii) afirma que para além das regiões já citadas a língua Changana é também falada numa parte considerável da República sul africana e da Rodésia (actual Zimbabwe).

Como se referiu anteriormente as migrações com vista a procura de melhores condições fizeram com que gente de várias zonas falantes da língua Changana afluíssem à Cidade do Maputo desde os tempos da ex-Lourenço Marques, começando a haver a sua coabitação com os falantes da língua Ronga.

A concentração de pessoas de diversas origens na cidade Capital de Moçambique criou condições para a mistura de usos linguísticos diversificados e conseqüentemente as influências, principalmente nas duas Línguas (Ronga e Changana) cujos falantes são a maioria (ver tabela 1).

Tabela 1

Distribuição da população da Cidade e província do Maputo por língua materna (maiores de 5 anos)

	Portug.	Ronga	Changana	Xitshwa	Chope	Gitonga	Outras	total
Província do Maputo	89.564	175.917	304.447	32.264	33.691	14.993	33.470	684346
Cidade do Maputo	209.175	172.278	284.376	40.083	41.288	33.971	51.630	832801
Total	298.739	348.195	588.823	72347	74.979	48.964	85.100	1.571.147

A tabela com base no Censo (1997) mostra que ao nível da Cidade do Maputo num total de 832.801 indivíduos, os falantes do Changana estão em número superior (284.376) seguido dos falantes do Ronga(172.278).

Por outro lado o facto de partilharem o mesmo espaço territorial e as mesmas actividades sociais faz com que já não constituam comunidades distintas, pois, há vários factores que concorrem para a sua unificação , como sejam:

- a) Partilha de actividades diárias nas zonas residenciais;
- b) Uniões matrimoniais;
- c) Convivência diária nos sectores de trabalho e de diversão.

Esta mistura teve grande influência nos usos linguísticos das várias comunidades que coabitam a Cidade do Maputo.

Os falantes do Changana e do Ronga estão completamente misturados em quase todas as situações sociais o que leva à existência de um aparente conflito linguístico, cujo início data de há bastante tempo segundo vamos aprofundar no ponto 4.4.

As informações apresentadas neste sub-capítulo pretendem ajudar na compreensão dos usos linguísticos da Cidade do Maputo, onde as interações sociais fazem com que não haja comunidades linguísticas Ronga e Changana claramente separadas, o que vai influenciar em grande medida a mudança linguística.

4.3 Percurso histórico da coabitação das comunidades linguísticas Ronga e Changana na Cidade do Maputo

Para a compreensão desta mistura entre os falantes das línguas Ronga e Changana é necessário pensar nos factores que estiveram na origem das migrações que culminaram com a fixação de grande parte de comunidade linguística Changana na Cidade do Maputo e nas zonas periféricas pertencentes aos distritos da Província do Maputo.

Desde há muito tempo que a ex-Cidade de Lourenço Marques, hoje Maputo, constitui um pólo de atracção de gente oriunda de várias zonas da então Província de Moçambique (hoje República de Moçambique).

Aminosse Khosa natural de Chibuto, radicado em Maputo há já vários anos, conta que durante o período colonial "grande parte da população masculina da actual província de Gaza migrava para a ex-Lourenço Marques à procura de melhores condições de vida, quer trabalhando como empregados domésticos dos colonos quer como trabalhadores dos Portos ou de algumas indústrias existentes".

Para além destes, de acordo com Khosa, "havia outros que não conseguindo emprego nos colonos trabalhavam como serviçais em casa de alguns negros assimilados que viviam ao redor da Cidade ou nas unidades agrícolas que se encontravam na periferia".

Para a obtenção da mão-de-obra barata havia uma colaboração entre os proprietários das unidades agro-pecuária e o Poder colonial.

Segundo a "História de Moçambique" (1993:143), "Largamente auxiliados pela administração na obtenção da sua força de trabalho, as entidades empregadoras não tinham que se preocupar com os salários e condições de trabalho. Forçado ao contrato o trabalhador migrante recebia o seu salário através do pagamento diferido, que era um outro meio de exploração, no sistema de trabalho imposto após 1930".

Com base nesta política colonial, muita população activa masculina foi contratada para o então distrito de Lourenço Marques como reportam Saldanha (1928:175) e Feliciano (1998:137) sobre o recrutamento e uso de mão-de-obra com base nos contratos apoiados pelo então Governo português.

Surgiam no seio dos abrangidos quatro grupos com atitudes diferentes devido à natureza opressiva e exploratória destes contratos e a ferocidade do sistema colonial em várias zonas do País,

- a) os que regressavam à terra de origem depois dos contratos
- b) os que no meio do contrato eram aliciados por novos patrões para um *melhor emprego*, acabando por se fixarem na cidade
- c) os que ao longo do contrato se casavam com mulheres da zona do seu local de trabalho, acabando por aí se fixarem como residentes
- d) Os que consideraram as novas zonas como seguras, acabando por irem buscar as suas famílias nos locais de origem para se fixarem onde achavam que a ferocidade do colonialismo não era sentida com muita intensidade, contrariamente ao que acontecia nas zonas de proveniência de alguns dos contratados.

Durante uma mesa redonda realizada no bairro de Maxaquene, os participantes defenderam que grande parte dos que chegaram na Cidade através de contratos acabaram por fixar residências definitivas, integrando-se socialmente na comunidade local.

Para além dos que chegavam a ex-Lourenço Marques por via de contratos houve outras pessoas, maioritariamente falantes de Changana, que voluntariamente afluíam à Cidade e que por serem letrados conseguiam melhores empregos e acabavam por terem residências fixas, passando alguns a fazer parte do grupo de assimilados da zona, tendo por outro lado chamado para junto de si alguns familiares que se encontravam em Gaza.

De acordo com Arlindo Ntrhukana, residente no Bairro de Maxaquene em Maputo, "nas décadas que antecederam a Independência do País a maioria dos falantes de Changana que se fixavam em Maputo preocupavam-se em aprender a língua Ronga e, ao mesmo tempo, adaptarem-se aos comportamentos dos seus utentes que eram considerados *donos de terra*; porque na altura, falar Changana nos círculos sociais da Cidade de Lourenço Marques era desprestigiante".

Sidónio Mpfumu, residente no Bairro de Chamanculo, considera que "a língua Ronga na altura tinha prestígio em todos os ambientes sociais, incluindo nos trabalhos religiosos".

Este prestígio do Ronga provinha do facto de a estratificação social na época se fazer sentir também ao nível das línguas que se falavam na cidade de Lourenço Marques.

"Desde há muito a reacção dos Rongas perante o uso da língua Changana é negativa", segundo afirma Titosi Khosa, natural de Chongoene, Província de Gaza e residente no Bairro da Malanga em Maputo, acrescentando que "numa primeira fase os Rongas foram muito hostis à entrada dos Changanas, que, como nós, contratados na província de Gaza, estavam vinculados ao Porto de Lourenço Marques e nas unidades agro-pecuárias ou noutros serviços na periferia da cidade". Em certos casos estas atitudes chegavam a gerar violência não só na cidade mas também nas regiões que a circundavam:

Nos subúrbios de Lourenço Marques, segundo Rafael Nkalana, "havia clivagens entre os que falavam as línguas Ronga e Changana, de tal maneira que a maioria dos que vinham da província de Gaza desenvolvia um esforço para conseguirem falar o Ronga de modo a obterem uma inserção social. Há vários exemplos disso nesta cidade que se chama Maputo, onde temos pessoas que depois de terem vindo de Gaza, a falarem Changana, actualmente são falantes e defensores da língua Ronga".

Este procedimento tinha a sua razão de ser porque segundo Lourenço Manguete, "na cidade de Lourenço Marques a sociedade tinha as suas divisões: ser Ronga significava ser próximo dos portugueses e, ao mesmo tempo, no seio dos negros equivalia a ser *dono da terra*; o Changana era considerado um indivíduo rude, aquele que gosta de *peleja*, apesar de em termos sociais estar um pouco acima do Chope. Por isso sentíamos orgulho da nossa língua (Ronga)".

Na zona de Bobole, distrito de Marracuene, na província do Maputo, por exemplo, como conta Mafanato Muthisse, natural de Chibuto, que durante muito tempo trabalhou nas unidades agrícolas em Marracuene, "os Changanas contratados para trabalharem nas propriedades agrícolas no vale do Incomati tinham que delimitar as suas movimentações num raio que não podia ultrapassar a Estrada de Moçambique (actual Estrada Nacional nº1)".

Na região de Bela Vista distrito de Matutuine, em Maputo a situação era mais grave pois segundo Mpfuleni Nguvande "os nativos até andavam à caça do falante de Changana para violentá-lo".

Na zona de Pateque na Manhiça, Província do Maputo, de acordo com Vidana Manhiça "a movimentação dos contratados Changanas tinha que se circunscrever às redondezas das propriedades onde trabalhavam e nunca atravessar a linha férrea, para as nossas casas sob o risco de voltarem a correr para as companhias onde trabalhavam".

Este quadro procura mostrar que a marginalização dos que vinham da província de Gaza verificava-se em muitas zonas da Cidade e arredores onde de acordo com a velha Nguanasse Mazvaya do Bairro Magoanine "os Changanas, na cidade de ex-Lourenço Marques, e noutros locais de falantes do Rongas, eram aliados às questões de roubo, bandidagem e falta de respeito. Por isso não gostávamos da sua presença nas nossas casas. De tal maneira que se um filho tivesse um comportamento negativo, os familiares consideravam-no como se comportando à maneira Changana".

Chali Mahundla residente no Bairro Bagamoio afirma que "apesar de ter havido esta marcação de distância entre os Ronga e os Changanas não faltaram namoros e/ou uniões matrimoniais entre os trabalhadores naturais de Gaza que residiam na cidade e as filhas dos naturais de Lourenço Marques o que contribuiu em grande medida para a diminuição das hostilizações".

Esta situação, de acordo com Museu Ndlati, levava por vezes a que, depois dos contratos, os indivíduos não regressassem às terras de origem passando a considerarem-se naturais e olhando para os seus conterrâneos que continuavam a trabalhar sob contratos ou os que acabavam de chegar, como *aqueles Gazenses*, pois eles já estavam implantados e com sograria na região".

A concretização destas uniões matrimoniais em muitos casos não foi pacífica pela recusa de alguns pais em ver as suas filhas casadas com um *machangana*. Foi por este facto que alguns casamentos foram inviabilizados devido a atitudes de certos pais. Neste caso, segundo Naftal Masin'wana, a recusa baseava-se no que consideravam dois motivos importantes:

Serem Rongas e assimilados o que não lhes dava prestígio autorizar um casamento das suas filhas com gente *baixa e forasteira*.

Zefanias Mpfumo natural de Maputo conta que "ao nível da Cidade de Lourenço Marques a maioria dos indivíduos provenientes de Gaza, com a excepção dos que tinham uma escolaridade razoável e empregos assegurados, não se importavam de exercer qualquer tipo de actividade que lhes permitisse ganhar algo para o seu sustento contrariamente ao que acontecia com os Rongas que se sentiam envergonhados no caso de terem uma ocupação *indecente*, chegando-se ao extremo de preferirem o desemprego que aceitar serem *humilhados num local onde se consideram donos*".

Em todas estas situações, a convivência, apesar de uma certa hostilidades, acabou por produzir ligações de amizade entre os naturais e os que vinham doutras regiões.

O ambiente que se criava nesta fase era propício para a manutenção da língua Ronga e devido ao seu prestígio conseguia expandir-se para as outras regiões através de pessoas que ao regressarem às zonas de origem tentavam mostrar que estiveram na cidade, através do uso desta língua.

Atália Masin'wana residente no bairro do Chamanculo defende que "a situação alterou-se significativamente a partir da década de 60 quando começou a haver uma mudança nas atitudes das pessoas em relação à língua Changana, mas a grande viragem verificou-se depois do 25 de Abril de 1974 ao que se seguiu o período do Governo de transição e a Proclamação da Independência Nacional em 1975. Nesta fase da euforia política na Cidade do Maputo começou a haver um notável desenvolvimento da língua Changana, que se foi intensificando nos anos que se seguiram".

Numa mesa-redonda realizada no bairro do Chamanculo os anciãos Gonçalves Mhata e Kufeni Mhalo defenderam que "durante os momentos da euforia política houve grandes mudanças nas direcções das zonas residenciais e grande parte dos seus antigos responsáveis foram marginalizados e considerados indivíduos comprometidos com o governo colonial. Esta viragem teve grande influência na própria estruturação e composição dos bairros de Maputo.

A partir dessa altura, já não se podia falar de Chamanculo, Mavalane, Magoanine, Phulana como Bairros predominantemente de falantes da língua Ronga por ter começado a haver grandes misturas dos seus habitantes, como está a acontecer actualmente".

4.4 Diferenças entre as línguas Ronga e Changana

Apesar de serem línguas que gozam de uma inteligibilidade mútua e podem ser considerados cientificamente dialectos ou variantes duma mesma língua, pretendemos neste ponto mostrar os aspectos que marcam a distinção entre estas duas línguas do Grupo Tsonga (Ronga e Changana). Como afirmamos no início deste trabalho tratamos o Ronga e Changana como línguas em respeito ao seu enquadramento social e ao que os seus falantes defendem.

Limitaremos o nosso estudo a estas duas línguas apesar de o Xitshwa também fazer parte do Grupo Tsonga.

As línguas Ronga e Changana ambas do Grupo Tsonga (S50 de acordo com a classificação de Guthrie (1967/71) foram se distanciando cada vez mais ao longo do tempo de acordo com o desenvolvimento e os contactos que cada uma teve com outras línguas.

O ancião Matlombe (residente no Ribangwa, distrito da Manhiça) afirma que "tal aumento da diferenciação está intimamente ligada à invasão dos Ngunis que exercendo maior incidência na região onde é hoje a província de Gaza, introduziram vários itens lexicais na língua Changana auxiliados pela vantagem de terem exercido um domínio forte sobre os naturais".

Exemplos:

Nguni	Changana	Ronga	
Kuqala	Kuqala/Kusungula	Kusungula	'começar'
Kahle	Kahle	Yima	'espera'
Mfuwethu	Mfuwethu	Makwerhu	'irmão'
Daduwethu	Daduwethu	Makwerhu	'irmã'

Harries (1983:83) afirma que "durante muitos anos do século XIX os chefes de terras que se encontravam mais ao norte de Delagoa Bay estavam sob a hegemonia Nguni. Os zulos dominavam os chefes que se encontravam ao sul da baía e os do oeste da baía estavam ligados aos Swazis".

A afirmação foi corroborada durante um debate que organizamos com os residentes da localidade de Nhongonhana em Marracuene, sobre as diferenças que existem nos usos linguísticos dos Rongas e Changanas, onde o velho Ntrhucane disse que "para além da invasão Nguni, houve ainda a entrada dos empréstimos da língua Ndau cujos falantes de Mossurize espalharam-se na região de Gaza, integrando a corte de Nghunghunhana, facto que foi menos intenso na zona de falantes do Ronga".

Segundo o mesmo informante, a partir destes contactos diferenciados as duas línguas pertencentes ao mesmo Grupo tiveram desenvolvimentos diferentes.

Actualmente é possível identificar as distinções das duas línguas em termos de itens lexicais, formas de usar o tom e alguns aspectos fonológicos.

4.4.1 Aspectos lexicais

Segundo a pesquisa que fizemos, constatamos que apesar de se supor que as línguas Ronga e Changana são de uma inteligibilidade mútua, possuem, cada uma, um léxico que a distingue com clareza. Esta diferenciação do léxico chega hoje ao ponto de existirem palavras semelhantes para referentes diferentes, de acordo com a língua em causa, para além da existência de palavras diferentes para os mesmos referentes, de acordo com dados colhidos em Sá Nogueira (1960), Ribeiro (1960) e Siteo (1996).

Exemplos:

4.4.1.1 Palavras diferentes para os mesmos referentes

Nomes

<u>Ronga</u>	<u>Changana</u>	
Mbenga	Lihiso	'alguidar'
Nhlambeto	Mbita	'panela de barro'
•Nturhu	Faduku	'lenço'
x •Svitrama	Mavele	'milho'
Mbowa	Matsavu	'hortaliças'
•Malume	Kokwani	'tio materno'
Rharhana	Hahani	'tia paterna'
Timbaweni	Tinyawa	'feijão Nhemba'
Holokompfa	Hovha	'lesma"

Verbos

Kuhoxeta	Kuringela	'pescar'
Kudukudela	Kunghanghamela	'gaguejar'
Kuvoleka	Kulomba	'pedir emprestado'
Kucuca	Kuhlakula	'capinar'
Kutlhasa	Kufika	'chegar'
Kujula	Kulava	'querer'

4.4.1.2 Mesmas palavras para referentes diferentes

Nomes

Ronga	Mavele	'mexoeira'
Changana	Mavele	'milho'
Ronga	Tinyawa	'clitoris'
Changana	Tinyawa	'feijão nhemba'

Verbos

Ronga	Kuwisa	'descansar'
Changana	Kuwisa	'deixar cair'
Ronga	kubasa	'estar limpo'
Changana	kubasa	'brancura'
Ronga	Kutrhemba	'gingar'
Changana	Kutshemba	'confiar'

Na área lexical, segundo participantes na mesa redonda realizada no bairro de Chamanculo, existem ainda as diferenças entre a contagem de dinheiro pois para os Ronga é feita em unidades de 50 centavos enquanto os falantes do Changana usam empréstimos ingleses.

Exemplos

Ronga	Khume	'dez' (5 meticais) dez moedas de 50 ctvs
Changana	Cheleni	'5 meticais'
Ronga	Makume mabidri	'10 Mts (20 moedas de 50 centavos)
Changana	Macheleni mambirhi	'10 Mts.
Ronga	Dzana	'50Mts (100 moedas de 50 centavos)
Changana	Nsumbhulani	'50 meticais

4.4.2 Aspectos fonológicos

No geral pode-se dizer que em termos do tom há muitas similaridades mas há determinados aspectos que marcam a distinção entre as línguas Ronga e Changana:

Exemplos:

Ronga	Kupfùnà	'ajudar'
Changana	Kupfúná	'ajudar'
Ronga	Kupfúná	'ter boa colheita'
Changana	Kupfúná	'ter boa colheita'

A distinção das duas línguas existe ainda na nasalização e aspiração de alguns sílabas:

Exemplos:

Ronga	Muti	'lar'
Changana	Munti	'lar'
Ronga	Mhunu	'pessoa'
Changana	Munhu	'pessoa'

Os aspectos fonético-fonológicos marcam uma diferença quase nítida entre as línguas Ronga e Changana. A pesquisa realizada mostra que apesar de serem línguas do mesmo Grupo existem sons que são pertença exclusiva da língua Ronga, são os casos de:

a) [ʒ] - Africada alveolar sonora retroflexa

Devido a inexistência deste som na sua língua, os falantes de Changana tendem a substituí-la com uma vibrante alveolar sonora aspirada [r^h]

Ronga	Changana	
[kuʒuʒu'mɛla]	[kur ^h ur ^h u'mɛla]	'tremer'

['ʒula]	[' ^h u la]	'tenha calma'
['ʒa ^m bu]	[' ^h a ^m bu]	'osso'
[ʒuke'tɛla]	[' ^h uke'tɛla]	'ralhar'
['ʒa ⁿ ga]	[' ^h a ⁿ g a]	'abóbora'

b) [ɽ] - vibrante alveolar sonora retroflexa

Esta consoante exclusiva do Ronga encontra a sua correspondência no Changana através de uma vibrante alveolar não retroflexa [r]:

<u>Ronga</u>	<u>Changana</u>	
['ɽi ^m drɛla]	['ri ^m dzɛla]	'espere'
['ɽibze]	['ribze]	'pedra'
['ɽito]	['rito]	'palavra'

c) [dɽ] - Africada alveolar sonora retroflexa

e

d) [tɽ] - Africada alveolar surda retroflexa

Nestas associações a vibrante alveolar sonora retroflexa [ɽ] ao se adaptar a língua Changana assume dois comportamentos:

- 1 - Numa africada formada pela sua associação com uma oclusiva alveolar [d] há uma substituição da *Africada* [dʃ] por uma simples *vibrante alveolar sonora* [r].

Exemplos:

Ronga	Changana	
[dʃima]	[r ^h ima]	'cultiva'
[dʃi ^h ga]	[ri ^h ga]	'prove'
[kudʃi'vala]	[kuri'vala]	'esquecer'
[kudʃi' ^h gisa]	[kuri' ^h geta]	'experimentar'
[ku'dʃila]	[ku'rila]	'chorar'
[dʃa ^h ga]	[ra ^h ga]	'meu/minha'
[kudʃu' ^h gula]	[kuru' ^h gula]	'narrar'
[dʃo'ledʃo]	[ro'lero]	'esse mesmo'

- 2 - Apenas em casos reduzidos e raros a *vibrante sonora retroflexa* [ɽ] torna-se uma *fricativa alveolar sonora* [z] quando a africada é seguida de vogais [a] e [u]

Exemplos:

Ronga	Changana	
[ku'dʃuma]	[ku'dzuma]	'trovejar'
[ku'dʃaha]	[ku'dzaha]	'fumar'
[ku'dʃana]	[kudzana]	'cair'
[da ⁿ dʃa]	[ja ⁿ dza]	'seca'

No caso da *africada alveolar surda retroflexa* [tʃ] a *vibrante alveolar sonora retroflexa* [ɽ] corresponde nos sons da Língua Changana a uma *fricativa alveolar surda* [s]:

Verbos

Ronga	Changana	
[ku'tɾala]	[ku'tsala]	'escrever'
[ku'tɾ ^h ama]	[ku'ts ^h ama]	'sentar'
[ku'tɾakama]	[ku'tsakama]	'molhar-se'
[ku'tɾ ^h ika]	[ku'ts ^h ika]	'deixar'
[ku'tɾ ^h ama]	[ku'ts ^h ama]	'sentar'

Nomes

Ronga	Changana	
[ʃi'tɾama]	[ʃi'tsama]	'maçaroca'
[ʃi'tɾ ^h amu]	[ʃi'ts ^h amu]	'cadeira'
[mutɾu'tɾumi]	[mutsu'tsumi]	'corredor'

O Ronga, para além das suas Africadas exclusivas [tɾ] e [tɾ^h], possui também as Africadas existentes em Changana [ts] e [dz]

[ku'tsi ^m ba]	'proibir'
[ⁿ tsi ⁿ dra]	'sede'
[ku'dzima]	'espetar'

De acordo com Simon Muluana este caso transforma-se num problema para um falante de Changana que queira falar Ronga devido a dificuldade que encontra na aplicação correcta destes africados.

Exemplos:

[^h ija ⁿ tɾi ⁿ dɾa]	no lugar de [^h ija ⁿ tsi ⁿ dɾa]	'vamos a sede'
[kutɾi ^m bisa]	no lugar de [kutsi ^m bisa]	'proibir'
[^d ɾana]	no lugar de [^d zana]	'cem'

4.5 Notas finais

Na primeira e segunda parte deste capítulo vimos que a coabitação dos falantes das línguas Changana e Ronga na Cidade do Maputo teve início na época colonial, quando várias pessoas oriundas da actual província de Gaza afluíram em massa à capital do país à procura de emprego e melhores condições de vida.

Estas migrações foram realizadas de várias maneiras: uma parte foi obrigado a ir trabalhar na Cidade através do trabalho forçado, outra migrou voluntariamente, atraídos pela vida urbana, à procura de emprego e melhores condições de vida.

A situação de convivência criada entre os falantes das línguas Ronga e Changana na Cidade do Maputo tem grande influência nos usos linguísticos da urbe levando a que nas interacções sociais as duas comunidades não sejam vistas separadamente.

Na segunda parte, o capítulo mostra as diferenças lexicais e fonético-fonológicas entre as línguas Ronga e Changana. Contudo, apesar de as duas línguas terem aparentemente desenvolvido um léxico que as distingue, existem maior correspondência entre os sons exclusivos do Ronga e os do Changana que em muitos casos são previsíveis o que abre a probabilidade de, estruturalmente, serem dialectos duma mesma língua embora os seus utentes as considerem línguas diferentes.

CAPÍTULO V

APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS

5.1 Introdução

Neste capítulo pretendemos apresentar a situação encontrada durante a pesquisa feita no seio dos residentes dos diferentes bairros, que compõem a Cidade do Maputo, e nos distritos rurais que circundam a urbe, no que se refere aos usos linguísticos do Ronga e do Changana.

Como primeiro ponto iremos analisar as possíveis causas que estão na base da aparente expansão da língua Changana na Cidade do Maputo. Em seguida, vamos nos debruçar sobre as atitudes dos falantes das duas línguas em relação ao uso de cada uma delas e por fim analisaremos as consequências da coexistência das línguas Changana e Ronga na Cidade do Maputo

5.2 Causas da aparente disseminação da língua Changana e declínio do Ronga na Cidade do Maputo

5.2.1 Política assimilacionista do colonialismo Português

↳ A política assimilacionista seguida e defendida pelo regime colonial contribuiu em grande medida para que os moçambicanos sejam obrigados a desprezar a sua cultura e as suas línguas a favor do uso da língua portuguesa.

Segundo Hon'wana (1989:69)

"o africano que se considerasse *civilizado* devia fazer um exame, respondendo a certas perguntas e deixando que uma comissão fosse ver como é que vivia, se sabia comer como um branco, à mesa, se calçava e se tinha uma só mulher. Quando ele era aprovado, passavam-lhe um documento chamado o *alvará de assimilação* pelo que se pagava meia libra-ouro ou o seu correspondente.(...) A partir da assimilação os assuntos de um africano já não eram tratados no juízo privativo dos indígenas ou nas banjas dos régulos".

A portaria 1041 B.O. número 3 de 18 de Janeiro de 1919 obrigou a que algumas famílias importantes da cidade de ex-Lourenço Marques aderissem ao sistema de assimilação, como forma de defenderem a sua posição social, o que contribuiu em grande medida para a fraca preservação da língua Ronga.

Para Damásio Chihau, alguns Rongas naturais da zona onde actualmente é a Cidade do Maputo, com a assimilação foram forçados a desviarem-se da sua identidade étnica, pois, exigia-se neles o abandono total de todas as tradições, para passarem a viver como europeus. Era por isso que o Governo colonial realizava inspecções para ver se o assimilado tinha abandonado os hábitos africanos, incluindo a língua. Segundo Carlota Tembe residente no bairro de Chamanculo,

"havia grande rigorosidade do Governo colonial na fiscalização da vida que os assimilados levavam para se ter a certeza de que o *indígena* tinha abandonado por completo os *hábitos da sua tribo*. Da mesma forma que a fiscalização procurava saber se o assimilado tinha adquirido a *experiência de comer na mesa e com garfo e faca*, também procurava saber que língua ensinava aos filhos e com quem convivia".

A política assimilacionista contribuiu assim para o declínio do Ronga porque as famílias com uma posição de relevo na sociedade tinham a obrigação de deixar as suas tradições e ensinarem os seus filhos os usos linguísticos dos portugueses.

Durante esta fase as poucas associações que integravam os falantes do Ronga tinham como opção linguística o uso exclusivo da língua portuguesa, o que contribuiu para o declínio da sua língua, de acordo com as afirmações de alguns participantes na mesa-redonda sobre as consequências da política assimilacionista, realizada no Bairro de Zimpeto.

5.2.2 Influência das emissões da Rádio Moçambique na expansão da língua Changana

O uso exclusivo da língua Changana nos serviços da Emissão B, actual Emissão Interprovincial de Maputo e Gaza da Rádio Moçambique, entre 1976 e 1984, durante o momento da euforia revolucionária, pode ter contribuído para a maior expansão da língua Changana ao nível da zona sul do país, através do seu uso nos serviços de Informação, acompanhados pela integração e cunhagem de novas palavras que surgiram com a revolução.

Esta situação foi derivada de um *erro* cometido na selecção das línguas moçambicanas que deviam ser usadas na Rádio Moçambique, principalmente em Maputo. Da análise feita sobre o assunto notou-se que houve uma aplicação errada da Resolução da Conferência do Departamento de Informação e Propaganda da Frelimo (DTIP1975:45) sobre a Rádio, que numa das suas alíneas dizia: "É necessário eliminar qualquer vestígio de conteúdo regionalista e tribalista que a utilização pela Rádio das línguas e dialectos moçambicanos assumia no tempo colonial, com objectivo de dividir o Povo moçambicano para melhor submeter e explorar".

A partir desta resolução eliminou-se o uso da língua Ronga nas Emissões da Rádio Moçambique passando a considerar-se o Tsonga como sendo apenas a língua Changana. Foi nesta base, segundo trabalhadores da Rádio Moçambique, que em 1976 para a contratação de locutores tradutores para a Emissão B de Maputo a então Chefia da Secção pessoal da Radio Moçambique foi realizar um concurso de admissão na Cidade de Xai Xai, de modo a que os indivíduos a contratar sejam de facto falantes da língua Tsonga/Changana.

Em 1977 quando se abriu um concurso de admissão de locutores tradutores de várias línguas moçambicanas, uma das condições exigidas era o domínio da língua Tsonga/Changana.

Nos primeiros anos a língua Ronga aparecia apenas na apresentação de programas musicais no estúdio mas todos os noticiários e programas educativos, culturais e recreativos eram apresentados na língua Changana.

Em 1979 os poucos locutores que provinham da *Voz de Moçambique* que ainda apresentavam programas musicais, dos quais alguns eram falantes de Ronga, foram banidos em cumprimento das orientações da Conferência do Departamento do Trabalho Ideológico que em relação à Rádio "analisou em particular o caso do pessoal da Emissão B da Rádio Moçambique em face do critério específico a que obedecia a selecção desse pessoal no tempo do colonialismo. O Director da Rádio Moçambique foi encarregado pela conferência de encontrar e aplicar uma solução para esse problema" (DTIP 1975: 46).

A retirada deste pessoal nos microfones teve como consequência a supressão total da língua Ronga nas Emissões da Rádio que passou a aparecer apenas nas vozes dos entrevistados e nos relatos de futebol. Em relação a manutenção da língua Changana nas Emissões da Rádio não houve problemas por ter havido uma reposição de locutores nesta língua o que não aconteceu com o Ronga.

Inácio Nasson falante de Ronga que durante mais de 8 anos trabalhou como locutor tradutor na língua Changana afirma que depois de aprovado no concurso de 1977 foi questionado várias vezes sobre "a razão de ter concorrido enquanto falante do Ronga para um lugar em que se pretendia admitir um falante de Changana, porque segundo orientações da Conferência de Macomia só se podia falar Tsonga/Changana nas emissões da Rádio Moçambique na zona sul".

Uma vez que a Estação Emissora do Maputo, que utiliza línguas do Grupo Tsonga, cobre toda a zona ao sul do Save é lógico que a partir desta altura todos os residentes das três províncias, falantes destas línguas passassem a escutar os noticiários em Changana, aumentando-se assim a influência desta língua sobre as outras.

A coincidência desta situação com o surgimento da nova realidade político-social fez com que, o falante do Ronga, adquirisse os novos conceitos que apareciam com a *Revolução* e com a modernidade em Changana e não na sua própria língua.

Um exemplo elucidativo é do termo para designar as cheias. Os falantes da língua Ronga, deviam usar a palavra *ntita* mas em 1976 e 1977 durante as cheias que assolaram a região sul, a Rádio Moçambique (Emissão B) que transmitia as notícias na língua Changana, usava constantemente a palavra *Ndhambhi* como tradução do termo *cheias* e assim passou a ser do uso comum entre falantes de todas as línguas do Grupo Tsonga. De tal maneira que hoje em dia as novas gerações conhecem apenas este último termo. Como este existem muitos outros termos que entraram no léxico da língua Ronga da mesma forma.

A reintrodução da língua Ronga na Emissão Interprovincial de Maputo e Gaza começou na década de noventa, quando nas admissões do pessoal passou a não haver a exigência de ser falante exclusivo da língua Changana.

Apesar desta abertura ainda não existe um número suficiente de profissionais para que se comece a sentir a existência do Ronga nas emissões da Rádio Moçambique, para além de que os jornalistas e locutores falantes de Changana, que estão em número superior, possuem larga experiência do uso da língua mercê da sua antiguidade nas funções de comunicação Social.

O uso dum a língua nos órgãos de comunicação social tem grande influência na sua manutenção (Makrakis 1990:5) o que leva a que a língua Changana tenha maiores possibilidades de interferir no Ronga através dos noticiários e programas culturais e recreativos.

Aliado às funções da Rádio Moçambique existe ainda uma influência da língua Changana que provém da divulgação musical e artística.

Nos anos que se seguiram à Proclamação da Independência do país a Rádio Moçambique abriu-se para o registo de música moçambicana com vista à satisfação das necessidades dos seus ouvintes.

Uma investigação feita nos arquivos e na discoteca da Rádio Moçambique mostrou que da música moçambicana gravada ao nível da Cidade do Maputo cerca de 80% é de artistas vocalistas que na apresentação as suas canções usam a língua Changana.

Ao nível dos grupos corais a situação mostra-se um pouco diferente porque há uma equitatividade de canções em línguas Changana e Ronga.

Segundo Vicente Chauque, membro de um dos agrupamentos musicais da Cidade do Maputo

"mesmo no tempo colonial a maioria dos artistas musicais que se espunham ao público era de falantes da língua Changana. Com a excepção do Fany Mpfumo e Dilon Ndjindji grande parte dos grupos que apresentavam o seu reportório em Ronga eram considerados *de luxo e de gente fina*, actuando em locais restritos ou nos casamentos, contrariamente aos pequenos grupos que apareciam nos bairros cujo reportório era maioritariamente na língua Changana".

Sabe-se que a canção tem maior interferência nos usos linguísticos das pessoas o que leva a concluir que o Changana pode ter exercido maior influência nos falantes do Ronga através desta via.

5.2.3 Produção literária e o desenvolvimento das línguas Changana e Ronga

[Handwritten signature]
A partir dos finais da década oitenta na Cidade do Maputo começou a existir no seio dos falantes da língua Ronga um movimento (denominado Khwekhweti) que se apresenta como defensor da sua língua, que corre o risco de extinção devido ao uso generalizado do Changana ao nível da oralidade e da escrita.

Este movimento, segundo o seu Presidente F. Cumbula,

"teve inicialmente maior influência no seio dos membros da Igreja Presbeteriana onde o objectivo foi exigir que em todas as Paróquias existentes em Maputo se usasse exclusivamente o Ronga porque a região é tradicionalmente dos falantes desta língua e a generalização do uso de Changana cria prejuízo na preservação da nossa língua".

Khwekhweti que começou em duas Paróquias (Polana e Chamanculo) defende que qualquer que seja o Ministro da Igreja Presbeteriana que trabalhasse em Maputo, independentemente da sua origem, deve usar, no seu discurso oral e escrito durante os cultos, a língua Ronga.

Filimone Tembe um dos membros fundadores deste movimento questiona o facto de em vários ambientes sociais o Changana predominar, "contrariamente ao que acontecia no tempo colonial em que qualquer falante de Changana quando chegasse a Lourenço Marques se esforçava a aprender a falar e a ler o Ronga". F. Tembe afirma que por vezes ele também é obrigado a usar algumas palavras Changanas para acompanhar os seus interlocutores.

O desejo e a exigência do grupo Khwekhweti segundo Ricardo N'walane do Bairro da Malanga

"é de difícil satisfação na medida em que hoje em dia a cidade de Maputo alberga muita gente falante da língua Changana, já radicados aqui há bastante tempo e também porque parece não haver um número razoável dos falantes do Ronga para além de haver muita falta de bibliografia nesta língua. O que nós encontramos para ler na Cidade do Maputo são escritos em Português e Changana e raramente encontramos textos em Ronga"

Esta afirmação encontra a sua justificação pelo facto de na Cidade do Maputo existir muita bibliografia escrita na língua Changana produzida na África do Sul e outra nacional caso da Gramática Changana, do dicionário changana-português e dos romances Musongi e Zabela (da autoria de Bento Siteo) e apenas um romance em Ronga (*Nghozine* de Porto Manyisa editado em 1994).

A nível da literatura religiosa a maior parte dos livros disponíveis na Sociedade Bíblica está na língua Changana produzida na África do Sul. Questionamos o facto da escassez de literatura na língua Ronga ao que uma das funcionárias da União Bíblica disse que "alguns livros tinham sido produzidos também em Ronga mas que houve problemas nas disquetes e os trabalhos apagaram-se e até agora não foram repostos".

O livro "The Book of a Thousand Tongues" (1972 ed) revela que ao nível da produção das Bíblias nas duas línguas há algumas diferenças na continuação de escritas pois a Bíblia Ronga, editada em 1923 é a mesma que continua até hoje, estando-se neste momento a trabalhar para a primeira revisão ortográfica do novo Testamento. Em relação à Bíblia Changana depois da edição de 1907 houve duas revisões ortográficas: a de 1929 e a de 1972, o que tem muita significado na acessibilidade da leitura devido à sua harmonização com a diversa literatura escrita na língua Changana que tem circulado na Cidade do Maputo.



O uso da Bíblia tem maior influência no seio dos falantes das línguas Rongas e Changana e a língua em que aparecer os escritos religiosos pode ganhar maior força por ser a *que liga os crentes a Deus*.

A escassez da literatura em Ronga pode ser um dos factores que contribuem para que tanto os falantes do Ronga como do Changana estejam familiarizados com esta última.

António Mathavele natural de Manjacaze, radicado em Maputo há já vários anos considera que fez um esforço para se adaptar aos usos linguísticos dos Rongas mas acha que neste momento a continuação desta língua no seio da juventude é difícil porque a existência de textos escritos é quase nula.

Ao nível da Igreja presbiteriana de acordo com o Pastor Matlombe

"o problema abrange ainda a publicação dos hinários porque desde que apareceu a edição de Ronga que se esgotou de imediato passaram vários anos até que em 1989 voltasse a circular fotocópias, o que contrasta com as edições em Changana que são periódicas".

Um contacto com os membros da seita *Testemunhas de Jeová* permitiu-nos saber a razão de fazerem circular uma gama de bibliografia, desde livros a revistas religiosas (a cores, que os torna-os mais atraentes) em língua Changana, escrita na África do Sul, contra a inexistência de literatura religiosa em Ronga.

Segundo as suas afirmações "em todos os países onde esta seita existe há sempre a preocupação de se produzir livros e revistas religiosas na língua local o que não acontece em Moçambique principalmente em Ronga cuja ortografia oficial não está divulgada e não ser possível usar a ortografia sul africana como acontece com a língua Changana. Apesar de se dizer que neste caso a língua Changana está em vantagem, tal não corresponde a verdade porque os livros que circulam na cidade do Maputo estão escritos num Changana Sul Africano que difere substancialmente do que é falado nas várias regiões do País.

Estes dados mostram que a falta da bibliografia em língua Ronga contribui em grande medida para a diminuição da sua força. Em relação a língua Changana falada em Moçambique também encontra as mesmas dificuldades devido à falta de literatura tanto religiosa como outra. Esta situação leva a que os que se consideram letrados em língua Changana tenha o seu domínio da variante sul africana, pois é nela em que os textos vêm escritos.

Dos vários contactos e participação nos cultos das chamadas Igrejas Pentecostais (Ziones, Assembleia de Deus, Assembleia Livre, Evangelho Completo de Deus, União Baptista, etc.) e algumas paróquias da Igreja Católica verificamos que o uso dos hinários e Bíblias em Changana é quase uma *norma*. De tal maneira que nos *pentecostais* o falante nato de Ronga quando intervem para testemunhar a palavra (como é hábito nessas congregações) tem a tendência de se pronunciar em Changana, principalmente quando estiver a orar. Exemplos desta natureza foram colhidas nas Igrejas de Zione Unido de Maxaquene, Assembleia Livre de Chamanculo, Assembleia de Deus das Mahotas, Igreja Tiatira de Chamanculo, Amor de Deus de Laulane, Nova Jerusalém do Hulene ...

Durante esses contactos obtivemos a confirmação de que quando uma língua, mesmo que seja minoritária ou de emigrante, for também língua da Religião e for usada na Igreja tem condições de ganhar força e manutenção (Makrakis 1990:7)

Neste caso o uso da literaruta em Changana na religião aumenta a possibilidade de no contacto que se estabelece entre as duas línguas haver maior influência do Changana.

Como diz Sigumundo Mabzeca do bairro de Zimpeto, na maioria das chamadas Igrejas Pentecostais "há maior uso de termos religiosos em Changana pelos falantes do Ronga. Posso citar os seguintes exemplos:

<i>Moya wo kwetsima</i>	no lugar de Moya wa kuxwenga	'Espírito Santo'
Muponisi	no lugar de Muhuluxi	'Salvador'
Vajondzisiwa	no lugar de Vadondrisiwa	'discípulos'

Estas influências que começam a nível da religião acabam por marcar o uso quotidiano da dos utentes da língua".

Amélia Chivindri residente no Bairro Bagamoio considera que

"apesar da não existência de uma tradição oficial de escrita, as duas línguas possuem desde há muito tempo uma literatura religiosa mercê do esforço de alguns missionários ao serviço de diversas Igrejas Protestantes, só que para o caso do Ronga não houve continuidade, pois para além da Bíblia não conhecemos outro livro produzido graças ao trabalho de evangelização pelas Igrejas em Moçambique".

Estas Igrejas, com a excepção da Católica, estavam divididas em áreas de influência: a Igreja Presbeteriana (Missão Suíça) trabalhou e produziu escritos nas zonas dos falantes de Ronga e Changana (actuais províncias de Maputo e Gaza). A Província de Inhambane ficou para a Igreja Metodista (Livre e Unida) que produziu a literatura religiosa na variante Xitshwa.

Sobre o uso das línguas Ronga e Changana na literatura religiosa, Harries (1989:167) afirma que

"os primeiros escritos surgiram nos últimos anos do século XIX com os manuais do missionário suíço Henri Berthoud num dialecto que chamou de *Xigwamba* cujos escritos foram rejeitados na região de Lourenço Marques por estarem naquilo a que chamaram de *língua do norte*, o que teria como consequência a rejeição do seu trabalho de evangelização. Assim houve a necessidade de um outro missionário suíço Henri Junod que trabalhava na zona introduzir os escritos na língua Ronga. Esta necessidade foi motivada ainda pelo facto de haver a concorrência da Igreja Metodista Wesleyana que já produzia a literatura em Ronga para fins religiosos e gozava de uma aceitação razoável no seio dos convertidos".

Daqui pode se concluir também que o surgimento da primeira literatura religiosa em língua Ronga esteve intimamente ligada às atitudes dos seus falantes em relação a língua Changana.

Daqui se podia depreender que as duas línguas encontrariam a forma de manter as suas especificidades ou começariam a influenciarem-se mutuamente através da circulação da literatura religiosa nas diversas comunidades mas tal não se verificou de forma mutuamente equitativa porque houve um desequilíbrio do desenvolvimento literário das duas línguas.

5.2.4 Influência da extensão territorial e do número de falantes na expansão do Changana

A extensão territorial e o número de falantes, embora não sejam tão relevantes, como as outras causas, desempenha um papel na expansão duma língua. Como vimos no Capítulo 4, a língua Changana é falada numa extensão superior à ocupada pelos falantes do Ronga.

Para Paulus Gumende residente no Bairro de Magoanine, distrito urbano número 5 em Maputo:

"Apesar de haver uma mistura de Ronga e Changana na língua que se fala em Maputo, o Changana parece ganhar mais força porque mesmo em termos de número de falantes, penso que são muitos e por isso os sons que nós ouvimos com frequência são da língua Changana. Não vou aqui apresentar os números dos falantes das duas línguas porque não os conheço, mas pelo que vimos e ouvimos no dia a dia, há mais falantes de Changana, não só em Maputo mas também nos arredores. A minha informação pode ser confirmada se alguém visitar os nossos bairros da Cidade, as zonas que se encontram ao longo do vale do Incomati em Marracuene e Manhiça e nalguma regiões do interior da Província de Maputo.

Como a tendência da maioria dos residentes nessas zonas, Rongas e Changanas, é transferirem-se para a cidade do Maputo, com vista a conseguirem melhores empregos, significa que as pessoas que afluem à cidade, provenientes dessas zonas, já são uma mistura de falantes de Ronga e de Changana juntando-se a eles os falantes exclusivos de Changana que vem da Província de Gaza".

Para este informante o facto de os falantes da língua Changana estarem em número elevado influencia em grande medida a manutenção e disseminação da sua língua.

Esta afirmação entra em concordância com a posição defendida por Appel & Muysken (1987:36) ao considerar que "o número e a distribuição geográfica dos membros de uma comunidade linguística tem grande influência na manutenção ou mudança da sua língua".

Em relação à diferença numérica os falantes de Changana superam bastante os falantes do Ronga segundo dados do censo(1997) apresentados na tabela 2:

Tabela 2

Distribuição de falantes das línguas Ronga e Changana na Cidade do Maputo e nas Províncias de Maputo e Gaza

	Cidade do Maputo	Província de Maputo	Província de Gaza	Total
Falantes de Ronga	172.278	175.917	3.447	351.642
Falantes de Changana	284.376	304.447	790.340	1.379.163
Total	456.654	480.364	793.787	1.730.805

Jaime Tembe membro do Movimento Khwekhweti defende que

"a delimitação das fronteiras coloniais criou um grande prejuízo à unidade dos Rongas, porque grande parte dos residentes da Província do Natal, na África do Sul, desde *Danul* até *Felixton*, são Rongas mas hoje em dia consideram-se Zulus por estarem doutro lado da fronteira o que faz com que actualmente o espaço geográfico ocupado pelos falantes do Ronga seja muito reduzido".

Silvestre Matine que diz ter trabalhado nas companhias mineiras sul africanas durante vinte anos afirma "não ser de admirar que a língua Changana ganhe espaço em toda a zona ao Sul do Save porque para além de muitos Changanas terem afluído em massa para as zonas dos falantes de Ronga muitos falantes nativos do Ronga abandonaram as suas zonas de origem indo radicarem-se na Swazilândia e na África do Sul, principalmente na região do Natal".

Assim depreende-se que o facto de a maioria dos falantes do Ronga terem abandonado as suas zonas para a África do sul contribuiu para a redução do seu número na zona de origem onde a industrialização e a urbanização atraía pessoas de várias origens, principalmente os provenientes de Gaza, cujo acesso torna-se facilitado devido a proximidade entre as províncias de Maputo e Gaza e a política colonial da aquisição de mão de obra barata.

Na opinião de Vicente Macamo,

"o facto de durante o tempo colonial as unidades agro-pecuárias localizadas ao redor da cidade de Lourenço Marques terem usado quase que exclusivamente a mão-de-obra contratada nas províncias de Gaza e Inhambane contribuiu para que as zonas que tradicionalmente eram dos falantes do Ronga passassem a ser de mistura de línguas e esse contacto introduziu mudanças, que levaram a que as influências da língua Changana não se verificassem apenas ao nível da cidade do Maputo e conseqüentemente não se pudesse hoje falar da existência de uma zona exclusiva dos falantes do Ronga. O que já não acontece com os falantes de Changana pois ainda existe regiões de quase uma total exclusividade".

Sobre a existência de zonas exclusivas de falantes do Ronga, Manuel Ngomane diz "ser muito difícil falar delas porque em princípio podíamos encontrá-las nos distrito de Marracuene, Boane e Matutuine e ainda na parte sul do distrito da Manhiça e nas localidades de Mahulane e Vhundiça no distrito da Moamba, sem falar da Cidade do Maputo, mas a situação actual não nos permite dizer que os que lá habitam são falantes do Ronga".

Há uma razão para isso porque é nessas zonas onde no tempo colonial havia empresas que atraíam grande parte da mão de obra, proveniente das províncias de Gaza e Inhambane, como vimos no capítulo sobre o percurso histórico da coabitação dos falantes das línguas Ronga e Changana na Cidade do Maputo.

Magwaza Khatwane, natural do distrito de Matutuine, afirma que

"actualmente é muito difícil encontrar os falantes natos do Ronga na Cidade do Maputo porque há uma diversidade de comunidades linguísticas, que são atraídas pela possibilidade de conseguir um emprego e os falantes do Ronga, por serem em número reduzido, ficam completamente engolidos, pois, a maioria dos falantes doutras línguas tendem a aprender o Changana por ser o que ouvem com mais frequência nas interacções sociais quotidianas".

Este posicionamento encontra a sua justificação se olharmos para os dados fornecidos pelo censo populacional de 1980 onde existe uma igualdade de números de falantes das línguas Ronga e Changana na Cidade.

Contudo pode se notar que apesar de os falantes da língua Changana estarem em número elevado e ocuparem um espaço territorial superior ao ocupado pelos falantes do Ronga, o contacto das duas línguas tem como consequência o surgimento de uma variante linguística resultado da interacção social que caracteriza a Cidade do Maputo.

5.2.5 Contratação de moçambicanos para as Companhias mineiras da África do Sul como factor de disseminação da língua Changana

As migrações de moçambicanos para as companhias mineiras da África do sul deram um contributo para a disseminação da língua Changana sobre as outras que são faladas nesta região Sul do País. As migrações internas também tiveram um papel de destaque na mudança linguística que faz com que hoje se pense que o Changana está a aparecer com uma posição polarizada nos lugares públicos da cidade do Maputo.

Para a compreensão do que aconteceu no seio das duas línguas em consequência das migrações internas e externas procuramos entrevistar pessoas que trabalharam nas Companhias mineiras sul africanas, tendo em conta que nelas todos os contratados moçambicanos são considerados Changanas e como tal agrupados em casernas indiferenciadas.

Segundo Nghalundhe Gumende, residente no bairro de Maxaquene em Maputo, que diz ter trabalhado nas companhias mineiras daquele país,

"Na África do Sul, todos os moçambicanos são vistos como falantes do Changana e como tal são tratados. A maior parte dos discursos dirigidos à comunidade moçambicana é feita na língua Changana, com a excepção de alguns cultos esporádicos dirigidos por Missionários ligados às Igrejas Metodista Unida ou Livre e American Board, que tendo actividades religiosas em Inhambane usam a Bíblia escrita em Xitshwa e têm o domínio desta língua.

Estes procedimentos intensificam a familiarização dos moçambicanos com a língua Changana. Em relação ao Ronga quase que não se fala dele, salvo na actual província do Natal onde existem muitas pessoas que se consideram Rongas de origem, mas que no seu dia a dia usam a língua Zulu. Esta situação obriga a que os falantes das línguas Ronga e Changana e outros moçambicanos, que trabalhavam nas companhias mineiras ou noutras empresas Sul africanas, se comportem e se identifiquem como Changanas, perante colegas de trabalho de outras nacionalidades o que leva a que haja mais familiarização com a língua Changana".

Na República Sul-africana, embora formalmente se mencione a origem étnica de cada contratado nos documentos oficiais, todo o moçambicano é considerado Changana.

O facto de a língua Changana ter um estatuto elevado para trabalhadores moçambicanos na África do Sul contribui para que exerça alguma influência nos usos linguísticos dos falantes de Ronga e doutras línguas que tenham passado daquele país como trabalhadores.

No que diz respeito às atitudes, Félix Dambo, que também trabalhou durante muitos anos na África do Sul, considera que "não há campo, para qualquer moçambicano, recusar a atribuição da originalidade Changana porque é uma questão oficial". Dambo acrescenta ser verdade que:

"numa situação de convivência dos falantes de Ronga e de Changana poderia haver influências mútuas, mas devido a desproporcionalidade numérica a língua Changana leva uma vantagem. A confirmar este dado, temos desde há muito tempo um elevado número de delegações da Wenela (empresa que se encarregava de contratar moçambicanos para as companhias mineiras da África do Sul) na província de Gaza comparativamente às que se encontram na província de Maputo".

Para além disso a maior parte dos sons que hoje estão incorporados na língua Changana como afirma Armando Matlula "têm muitas similaridades com os sons de algumas línguas sul africanas e do próprio *fanakalo* (Pidgin que constitui a língua de trabalho nas minas da África do Sul) o que de certa maneira facilita a intensidade da influência do Changana sobre os falantes do Ronga".

Esta convivência leva a que grande parte dos que trabalham nas companhias mineiras "quando regressam ao país mostram algumas tendências de *changanização* da sua pronúncia", segundo ouvimos da Matilde Manguete do bairro de Maxaquene.

O facto de a maioria dos que regressam das companhias mineiras terem uma linguagem que os caracteriza é um sinal da influência linguística que obtêm durante a sua estadia naquele país, como afirma Deolinda Tsan'wane. A maioria dessas pessoas acabam por passar a viver ou trabalhar na Cidade do Maputo.

É assim que questionamos Mungoni Muyanga, trabalhador nas companhias mineiras sul africanas o facto de haver mais influência do Changana em muitos moçambicanos que regressam da África do Sul ao que afirmou ser "motivado pelo facto de o Changana ser a língua mais falada no seio dos moçambicanos naquele país, mas mesmo assim os que regressam da África do Sul falam misturando com muitas palavras das línguas Zulu, Qhosa, Afrikans, Inglês e outras. Só que em Maputo nós pensamos que as tais pessoas falam Changana".

Para a relação entre os trabalhadores moçambicanos das companhias e o patronato sul africano a língua Changana afigura-se viável e fácil na medida em que existe na República Sul Africana uma região de falantes do Tsonga/Changana cuja língua é ensinada na Escola e possui já uma vasta literatura.

Para os Rongas que trabalham na África do Sul, a língua Changana passa a fazer parte dos seus usos linguísticos o que vai influenciar as suas relações familiares depois de regressarem ao país.

5.2.6 Migrações internas como factores de disseminação da língua Changana

Desde há muito tempo a ex-Cidade de Lourenço Marques, hoje Maputo, constituiu uma grande atracção para gente oriunda de várias zonas da então província de Moçambique.

Grande parte da população masculina da província de Gaza migrava para a Ex-Lourenço Marques à procura de melhores condições de vida quer trabalhando como empregados domésticos dos colonos quer como trabalhadores dos Portos ou de algumas indústrias existentes.

Para além destes havia outros que não conseguindo emprego nos colonos trabalhavam como serviçais em casa de alguns assimilados que viviam ao redor da cidade.

Com o decorrer dos anos, de acordo com Cecília Ndlalane residente no bairro de Chamanculo, "começou a surgir, por várias razões, um número razoável de mulheres que de Gaza seguiam para Maputo com o objectivo de procurar o sustento da sua vida".

Entre os que migravam e não conseguiam emprego na Cidade houve os que procuravam regressar às zonas de origem e outros que optavam em empregar-se nas unidades agrícolas que se encontravam nas redondezas da urbe.

Esta procura de refúgio na periferia era imprescindível pois, segundo a História de Moçambique (1993 Vol.3) "com o objectivo de reprimir a força de trabalho permanente e migrante, de limitar a presença de negros *desnecessários* nas cidades, e de evitar a concorrência de salários entre os Patrões, em 1944, o Governo Colonial promulgou um novo regulamento dos Serviçais indígenas. Esta medida codificou e tornou mais rigorosa a fiscalização de contratos, permanência e comportamentos dos trabalhadores nas duas cidades (Lourenço Marques e Beira)".

Anciãos do Zimpeto durante um debate sobre os factores que estão por detrás da coexistência das comunidades Ronga e Changana na Cidade do Maputo, disseram que a ferocidade da polícia colonial fez com que muitos naturais de Gaza, depois de não conseguir sucessos dentro da urbe se refugassem na periferia de onde passado algum tempo, fazia de novo uma tentativa de conseguir um emprego em Lourenço Marques.

Mário Hobzana natural de Marracuene afirma que depois desta decisão colonial "de um momento para o outro começou a aparecer nas zonas onde tradicionalmente se falava a Língua Ronga, algumas pessoas provenientes de Gaza que procuravam se fixar e adquirir talhões para a produção agrícola ou solicitando empregos nos *machambeiros* locais, por não terem conseguido emprego na Cidade de Lourenço Marques".

Rita N'wamba, do bairro de Hulene "A" afirma que se numa primeira fase os emigrantes tinham as suas famílias na Província de Gaza, outros acabaram por chamá-las para a Cidade ou arredores como forma de facilitar o sustento e ao mesmo tempo permitir que os seus filhos tenham acesso à escola.

Alguns dos que transferiam as famílias de Gaza para Lourenço Marques procuravam terrenos para lavoura nas proximidades da Cidade, acabando por aí se fixarem.

De acordo com os participantes na mesa redonda realizada no bairro Bagamoio o aumento do número de falantes de Changana na Cidade do Maputo e arredores contribuiu para que houvesse mais contactos entre os falantes das línguas Changana e Ronga na Cidade do Maputo.

5.3 Atitudes perante o usos das línguas Changana e Ronga na Cidade do Maputo e nalgumas zonas de falantes do Ronga

A coabitação de comunidades linguísticas não só cria condições para as influências entre as línguas, mas também transporta consigo o conflito que se gera sobre a eficácia dos usos sociais da língua. Edwards (1994 :89) sobre o assunto considera que " as línguas em contacto tornam-se línguas em conflito, isto porque por forças de circunstância - que podem ser naturais ou inventadas - um grupo começa a abandonar a sua língua habitual passando a usar outra. A língua entra assim em declínio quando deixa de exercer certas funções, não for transmitida às crianças, reduz o seu número de falantes e passa a ser de uso restrito".

Ao nível das línguas Ronga e Changana houve sempre um conflito, pois, os falantes de Changana viram-se desde muito tempo marginalizados com base na estratificação social que caracterizava a cidade de Lourenço Marques, no tempo colonial. Na cidade o Ronga era a língua que em termo de prestígio estava a seguir imediatamente ao português, enquanto o Changana era considerado língua de *menos valor* e de *forasteiros*.

Esta atitude caracterizou o período anterior ao "25 de Abril" de 1974 e a Independência Nacional em 1975, que marcaram a viragem em termos de atitudes perante as duas línguas. A euforia política e revolucionária acompanhada da palavra de ordem "matar a tribo para nascer a Nação" levou a que as comunidades linguísticas pusessem de lado os seus conflitos. Nesta altura não importava a origem da pessoa que tomava a dianteira num determinado acontecimento ou direcção de uma zona residencial.

Com o andar de tempo começou a haver no seio dos falantes do Ronga o sentimento de que a sua língua está em perigo de extinção para dar lugar ao Changana.

Apesar de Grosjean (1982 p.121) defender que "a língua como instrumento de comunicação e como símbolo de identidade do grupo é acompanhada por atitudes e valores", e citando Haugen (1956) na afirmação de que "quando as línguas estão em contacto há probabilidade de haver certas atitudes favoráveis ou desfavoráveis em relação aos seus usos, o que tem efeitos psicológicos profundos nos indivíduos e nos usos dessas línguas", o que acontece no seio dos falantes do Ronga contrasta com as suas atitudes.

Pode-se dizer que ao nível das atitudes nota-se uma aparente revolta de alguns falantes de Ronga contra o *expansionismo* da língua Changana a confirmar pelos pronunciamentos de alguns membros do grupo Khwekhweti e da associação Nguiana que consideram que "é triste o que se assiste na Cidade do Maputo porque grande parte dos cidadãos são falantes da língua Changana o que origina o desaparecimento do Ronga" mas no terreno verifica-se que nas interacções sociais o uso da chamada língua Ronga pura não é frequente.

Gomes Mpfumo membro deste grupo afirma que

"apesar de estarmos contra o uso generalizado do Changana, encontramos pessoas a falar e a ler Changana na Cidade do Maputo onde devia predominar a língua Ronga. Nota-se por outro lado que a penetração da língua Ronga nas zonas do Changana é quase nula com a excepção de alguns termos que são transportados por indivíduos que depois de algum tempo em Maputo ao regressarem a Gaza tentam mostrar que estiveram na cidade, através da incorporação de termos de um Ronga deformado na língua Changana".

De acordo com Anastácio Mpfumu, membro do Núcleo das línguas Tsonga na Rádio Moçambique,

"no seio das línguas Ronga e Changana, embora não haja um conflito nas suas funções, na Cidade do Maputo as influências não se revelam mutuamente equitativas, pois, o Changana tende a exercer maior influência e tenta dominar maiores áreas da vida social o que levanta uma reacção de condenação por parte dos falantes nativos do Ronga porque mesmo os nossos filhos têm dificuldades de se expressarem na nossa língua. Nunca fiz a contagem das pessoas mas penso que nesta cidade os falantes de Changana estão em número muito elevado comparativamente aos Rongas, de tal maneira que sem a gente querer, vemos o nosso filho a usar termos da língua Changana".

Esta afirmação contrasta com as afirmações de Cristóvão Chambule nas quais o Changana está a perder-se porque "os nossos filhos não conseguem falar o Changana como nós os pais porque estão a misturar com o Ronga".

Estas duas posições levam-nos a concluir que cada uma das duas comunidades (Ronga e Changana), diferentemente do que acontecia no período colonial, onde as suas atitudes linguísticas estavam relacionadas com a estratificação social, tenta polarizar a sua língua. Para N'wankuvana Mandlula "a revolta que os Rongas manifestam perante a generalização da língua Changana não ganha o seu peso e significado porque não há nenhuma acção concreta que os defensores da língua fazem com vista a inverter a situação.

Não existem círculos que incentivem o interesse pelo Ronga. Actualmente encontramos o uso correcto da língua apenas nos velhos".

A mesma opinião foi manifestada por Nelson Chibzana ao afirmar que

"apenas os velhos e algumas pessoas ligadas às Igrejas é que conseguem falar com um mínimo de correcção a língua Ronga, acontecendo o mesmo com o Changana. Apesar disso uma parte dos residentes do Maputo considera-se falante do Ronga e dizem não quererem nada com o Changana, outros consideram-se falantes de Changana e não de Ronga".

Durante uma mesa redonda realizada no Bairro da Catembe, chegou-se a conclusão de que apesar de se dizer que os falantes do Changana estão em número elevado e tentam fazer com que a sua língua exerça um domínio sobre o Ronga, o contacto entre as várias comunidades linguísticas em Maputo está a originar o surgimento de uma língua que se difere do Ronga e do Changana puros, aparentemente defendidas pelas camadas mais idosas.

O surgimento da variante linguística da Cidade do Maputo, leva a que haja pronunciamentos contraditórios:

- 1 - Os falantes do Ronga ao se aperceberem da mudança que afecta a sua língua dizem que há interferência do Changana;
- 2 - Os falantes do Changana consideram a mudança que se verifica na sua língua como *ronguização*.

O sentimento sobre as mudanças que se verificam no uso das duas línguas foi manifestada ainda por Francisco Mbalane, natural de Magude e trabalhador dos Caminhos de Ferro de Moçambique em Maputo, ao afirmar que

"em Maputo não se fala Changana nem Ronga porque o Changana que aqui ouvimos está mal falado, comparativamente aquele que eu estou habituado a ouvir na província de Gaza mas também os que tentam falar Ronga fazem notar que a linguagem deles está deformada, porque é muito diferente daquele Ronga que eu conheci quando cheguei na cidade em 1950, mas mesmo assim há grande reclamação dos Rongas em como a sua língua está a ser mal falada e tendem a *changanizar-se*".

Com estas afirmações nota-se que apesar de cada comunidade linguística tentar defender a manutenção da sua língua não se consegue evitar a interpenetração entre as línguas Ronga e Changana [pois independentemente das atitudes "as reservas lexicais das línguas em contacto só podem conseguir manter-se distintas quando cada uma delas permanecer como um conjunto autónomo de signos e cada um desses signos conservar a relação significado/significante que lhe é própria" (Garmard 1982)].

Para as comunidades Ronga e Changana as interações sociais não permitem que haja uso distinto dos seus sistemas linguísticos.

Para além do exposto acima, pode-se dizer ainda que os falantes das línguas Ronga e Changana que residem na cidade do Maputo podem em vários casos serem considerados como componentes da mesma comunidade linguística, a avaliar pelas interações sociais. Analisado os resultados da observação participativa e dos inquéritos e entrevistas realizadas conclui-se que grande parte dos que se identificam como falantes e defensores de Changana ou de Ronga não conseguem usar uma delas sem misturar com itens fonético-fonológicos ou lexicais da outra.

5.4 Consequências linguísticas da coabitação das línguas Ronga e Changana

Durante os contactos que foram feitos aleatoriamente nos vários pontos da cidade houve algumas informações coincidentes revelando que a língua actualmente falada pelos Tsongas residentes do Maputo é uma mistura das línguas Ronga e Changana, embora outros defendam que para a preservação destas duas línguas devia haver áreas separados do seu uso.

Segundo Gomate Nhamate natural de Vhundhiça e residente na zona de Mafalala "o nome da língua que se fala actualmente em Maputo não se pode considerar nem Ronga nem Changana porque frequentemente ouvimos construções que misturam as duas línguas". O nosso informante cita exemplos do que acontece com os usos linguísticos da cidade do Maputo onde se pode ouvir com frequência a seguinte construção:

Falante de Changana: *Ndzijula svitsama kambe svihava*

Trad.Lit. (quero milho mas não há)

Trad. Id. 'quero milho mas não existe'

Nesta construção, de acordo com Nhamate, o falante de Changana emprega o verbo *kujula* 'querer' e o nome *svitrama* 'milho', específicos da língua Ronga, incorporando-os na sua língua. O correcto na língua Changana seria:

Ndzilava mavele kambe mahava

O mesmo problema de mistura acontece também nas construções de falantes do Ronga como por exemplo:

Ndrasvijula kudondra kambe svatika

Trad. Lit. (quero estudar mas pesa)

Trad.Id. 'quero estudar mas é difícil'

Neste caso o falante do Ronga ao empregar o verbo *kutika* que na sua língua significa afundar, revela a existência de uma interferência do Changana e este verbo passa a ter o significado de ser difícil".

A ocorrência destes casos encontram a sua justificação no facto de as línguas Ronga e Changana estarem em coabitação e serem muito próximos, pois, segundo Edwards (1994:89) "a proximidade e convivência das línguas criam condições para a sua interpenetração através de empréstimos e outro tipo de influências mútuas".

No trabalho de observação e recolha de dados para análise constatamos que em certos casos é difícil nas conversas públicas, se não tiver uma informação prévia, saber se o orador é falante de Ronga ou de Changana.

As consequências do contacto entre o Ronga e Changana leva-nos a concordar com a afirmação de Weinreich (1974:47) de que "se tivermos duas línguas em contacto há palavras e sons que se transferem duma para a outra com a mesma significação ou com novas funções".

Mas para Eliot Mandlate, o que preocupa os falantes do Ronga é "o surgimento de sons que em nosso entender não pertencem a nenhuma língua. É o caso do possessivo 'meu'

[dza^hga] no lugar de [dʒa^hga] em Ronga e ra mina em Changana
e do nome amendoim

[zu^hmana] no lugar de [ʒu^hmana] em Ronga e [ma^hga] em Changana

Há vários exemplos desta natureza que mostram a mudança que ocorre dentro das línguas Ronga e Changana manifestando-se principalmente nas camadas jovens".

Madalena Mabzeca residente no Zimpeto acha que "actualmente parece verificar-se que a língua Changana está a exercer maior influência sobre o Ronga, no aspecto fonológico, porque mesmos os filhos de pais Rongas têm dificuldades neste campo, mas na área lexical parece que as duas línguas influenciam-se mutuamente".

Fundamenta a sua posição com o uso, pelos Rongas de palavras Changanas e, por sua vez, os Changanas empregarem nos seus usos linguísticos palavras Rongas.

Por outro lado uma observação do que acontece no dia a dia no seio dos falantes das duas línguas leva a pensar que o Changana parece ter mais espaço, comparativamente ao Ronga, a confirmar pelo que acontece no seio da juventude que maioritariamente parece estar a perder os sons ʒ r ʃ dʒ tʃ (exclusivos da língua Ronga), havendo neles a tendência de se adaptar aos sons da língua Changana:

a) troca de [r] por [s] ou [z]

Ronga

Changana

[kutʁu'tʁuma]

[kutsu'tsuma]

'correr'

[ku'dʁaha]

[ku'dzaha]

'fumar'

b) mudança do som retroflexo [ʁ] para a fricativa alveolar [z]:

[ʁambu] para [zambu] 'osso'

[ʁu'mana] para [zu'mana] 'amendoim'

c) no caso da africada [dʁ] o retroflexo passa para a fricativa alveolar sonora [z],

['dʁanga] para ['dzanga] 'meu, minha'

[ku'dʁinga] para [ku'dzinga] 'provar'

d) no som [dʁ] troca-se o retroflexo [ʁ] pela fricativa alveolar surda [s]

[ku'tʁala] para [ku'tsala] 'escrever'

[ku'tʁimba] para [ku'tsimba] 'amarrar'

e) o [ʁ] passa para a fricativa alveolar sonora [z].

['ʁibze] para ['zibze] 'pedra'

Para além das questões que tem a ver com a fonologia existe ainda os alguns aspectos lexicais que resultam do contacto das duas línguas.

Exemplos:

Ndhambhi	no lugar de <i>ntita</i>	'cheias'
Kuvhikela	no lugar de <i>kumpfekela</i>	'defender'
Kupona	no lugar de <i>kuhuluka</i>	'salvar'
Kulomba	no lugar de <i>kuvoleka</i>	'pedir emprestado'

O contacto entre as duas línguas leva a que a nível lexical os falantes do Changana na cidade do Maputo usem um número elevado de empréstimos da língua Ronga e vice-versa.

No aspecto fonológico nota-se o abandono (pelas camadas jovens e pelos falantes Changana que se queiram *ronganizar*) dos sons retroflexos em direcção à simplificação de acordo com o que ouvimos nos usos linguísticos públicos:

O [ʒ] está a dar lugar ao [z] cuja natureza não é Changana nem Ronga mas uma variável que surge pela mistura de Changana e Ronga:

Exemplos:

Ronga	forma resultante	
[ʒu'mana]	[zu'mana]	'amendoim'
[ʒa'ʒana]	[za'zana]	'tia'
[ʃl'ʒoŋga]	[ʃl'zoŋga]	'língua Ronga'

O [dʃ] está a dar lugar ao [dz] que também resulta da mistura dos sons do Ronga e Changana mas neste caso introduz uma nova forma diferente da que caracteriza as duas línguas.

Exemplos:

Ronga	Forma resultante	
[dʃa ^ŋ ga]	[dza ^ŋ ga]	'meu/minha'
[dʃi ^ŋ gisa]	[dzi ^ŋ gisa]	'experimente'

O [tʃ] está a dar lugar ao ts característico dos sons da língua Changana.

Ronga	Forma resultante	
[ku'tʃala]	[ku'tsala]	'escrever'
[tʃimba]	[tsimba]	'amarra'

Para Gustavo Ntrheko "a manutenção da língua Ronga iria ter sucesso se as nossas línguas fossem ensinadas nas escolas para que as crianças cresçam sabendo as regras dos usos linguísticos da sua comunidade".

Muitos falantes natos das duas línguas consideram que na Cidade do Maputo não se pode dizer que se fala Ronga ou Changana. Justificam as suas afirmações pelo facto de no seio dos falantes de Changana haver muitos pronunciamentos a condenarem os residentes de Maputo de não saberem falar correctamente a língua e acusam-nos de estarem a *ronganizar* o Changana. Do lado dos Rongas nota-se uma grande preocupação pela *changanização* do Ronga. Assim enquanto os defensores do Ronga estão preocupados com um aparente desaparecimento da sua língua, os falantes de Changana estão a criticar grandemente os seus filhos que vivem na Cidade do Maputo por estarem a falar um Changana que para eles é deformado como vimos neste subcapítulo.

De acordo com as posições dos nossos informantes o contacto entre as várias comunidades na Cidade do Maputo leva a que os seus usos linguísticos se misture de tal maneira que as camadas jovens não consigam ter um domínio perfeito quer da língua Changana quer da língua Ronga o que leva a que comece a surgir uma variante que pode se considerar uma miscelânea das línguas representadas na urbe.

Exemplos:

5.5 Notas finais

Ao longo deste capítulo debruçamo-nos sobre algumas das possíveis causas da aparente disseminação da língua Changana na Cidade do Maputo. Dentre elas destacamos;

- a política assimilacionista que afectou algumas famílias importantes de falantes do Ronga;
- o uso quase exclusivo da língua Changana pela Rádio Moçambique durante os primeiros anos da Independência Nacional;
- a existência de literatura diversa na língua Changana contra a falta de livros em Ronga;
- o uso quase generalizado da literatura religiosa em Changana na maioria das chamadas igrejas pentecostais.

Para além das aparentes causas, analisamos as atitudes linguísticas dos falantes sobre o uso do Changana e do Ronga na Cidade do Maputo, onde notamos que uns consideram a mudança linguística que se verifica como *ronguização* do Changana e outros acham que há uma *changanização* do Ronga. Na análise que fizemos sobre as consequências da coexistência das línguas Ronga e Changana vimos que está a surgir uma variante linguística que surge como mistura de todas as línguas representadas na cidade.

CAPÍTULO VI

CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

6.1 Introdução

Neste capítulo pretendemos apresentar as conclusões resultantes do estudo feito sobre a possível maior disseminação da língua Changana em relação à língua Ronga. Com base nessas conclusões iremos propor o que poderá ser feito para a melhor preservação destas duas línguas e como minoram as disputas das suas comunidades sobre os espaços do seu uso.

6.2 Conclusões

Os dados colhidos no seio das comunidades Ronga e Changana mostram que na Cidade do Maputo a coabitação linguística leva ao surgimento de uma variante que é a mistura de itens lexicais, morfológicos e fonológicos não só das línguas Changana e Ronga mas também de outras cujos falantes participam na interacção social da urbe.

Pode-se dizer com segurança que na Cidade do Maputo as comunidades linguísticas Ronga e Changana estão completamente misturadas através de todas as redes sociais, incluindo as uniões matrimoniais.

Esta mistura produz como consequência o surgimento duma variante linguística resultante da interpenetração entre as línguas Ronga e Changana ao que se adiciona os empréstimos provenientes do Português e doutras línguas que se fazem representar na Cidade do Maputo

Este dado é confirmado pelo facto de os falantes natos do Ronga considerarem que o que se fala em Maputo não é a sua língua tradicional por estar completamente *deformada* por causa da influência do Changana. Ao mesmo tempo os residentes das zonas onde se fala exclusivamente o Changana consideram que os que estão em Maputo mesmo com origem Changana já estão a *deformar* a língua.

Durante o contacto entre as duas línguas, o Changana aparenta ter maior penetração no Ronga devido aos seguintes factores:

- 1 - o número elevado dos seus falantes a nível da Região;
- 2 - A existência de literatura diversa (quase todos os livros são produzidos na África do Sul, na variante dialectal Xidzonga o que leva a que mesmo o falantes moçambicanos de Changana sejam influenciados por esta variante);
- 3 - O uso quase generalizado da literatura Changana nas chamadas Igrejas Pentecostais;
- 4 - O uso exclusivo da língua Changana nos noticiários e programas culturais da Rádio Moçambique durante o momento da euforia revolucionária

Contudo os dados colhidos no seio dos residentes da Cidade do Maputo levam a crer que apesar dos número apresentados pelo censo populacional de 1997 e os vários factores que concorrem para a disseminação do Changana, a coabitação dos falantes das línguas Ronga e Changana está a originar o surgimento de uma variante linguística que se pode considerar como mistura não só das duas línguas mas que abarca ainda itens lexicais característicos da situação linguística da Cidade do Maputo, com maior destaque à influência da língua portuguesa, sem no entanto descurar os empréstimos que provêm das várias línguas do país.

6.3 Recomendações

Todas as línguas do mundo estão em constantes mudanças que provêm da sua própria evolução e do contacto com outras.

As mudanças que se verificam nos usos linguísticos do Ronga e do Changana não se assentam numa base segura porque estas línguas não estão a ser ensinadas nas escolas ou noutros espaços sociais.

As instituições nacionais ligadas à Educação e Cultura deviam envidar esforços para a produção de literatura nas línguas moçambicanas como forma de garantir a preservação e a manutenção do património linguístico do país.

Bibliografia

- 1 - Appel, R. & Muysken, P. (1987). *Language contact and Bilingualism*. Amsterdam: Institute for General Linguistic, University of Amsterdam.
- 2 - Blomfield, I. (1970). *Langage*. Paris: Payot
- 3 - Carvalho, J. G.H. de.(1973). *Teoria de linguagem*. Coimbra: Atlântida Editorial.
- 4 - Departamento de História. (1993).*História de Moçambique Volume 3*. Maputo: Universidade Eduardo Mondlane.
- 5 - Edward, J. (1994). *Multilingualism*. Londres: Penguin Books Ltd.
- 6 - Faria, I.H. (1996). *Introdução à Linguística Geral*. Lisboa: Editorial Caminho.
- 7 - Fasold, R. (1984). *The Sociolinguistics of Society*. Oxford, U.K: Blackwell Publishers.
- 9 - Feliciano, J. F. (1998). *Antropologia Económica dos Thonga do Sul de Moçambique*. Maputo: Arquivo Histórico de Moçambique.
- 10 - Fishman, J.A. (1971). *Sociolinguistique*. Paris: Nathan.
- 11 - Frelimo (1975). *Documentos da conferência Nacional do Departamento de Informação e Propaganda*. Macomia: DIP
- 12 - Garmard, J. (1982). *Introdução à Sociolinguística*. Lisboa: Publicações D. Quixote.
- 13 - Gregory & Carro, M. S. (1978). *Language and situation*. London: Institute of Modern Language Studies. University of Leeds.
- 14 - Grosjean, F. (1982). *Life with two Languages: An introduction to Bilingualism*. USA: Havard University Press.
- 15 - Guthrie, Malcolin. (1971). *Comparative Bantu: An introduction to the Comparative Linguistics and Prehistory of the Bantu Languages.Vol.2* Gregg Press.
- 16 - Harries, P. (1995). Discovering languages: the historical origins of standard Tsonga in southern Africa. In *Language and Social History*. Cape Town : Rajend Mesthrie.
- 17 - Hoffmann, C. (1991). *An introduction to Bilingualism*. N.Y. Longman INC.

- 18 - Hudson, C. (1980). *Sociolinguistics*. Cambridge: University Press.
- 19 - Instituto Nacional de Estatística (1997). *II Recenseamento Geral da População*. Maputo: INE.
- 20 - Junod, H.A. 1929. *Vuvulavuri bya Xitsonga*. Lausanne: Mission Suisse Romande.
- 21 - Lehmann, P.L. (1962). *Historical Linguistic: an introduction*. Texas: University of Texas.
- 22 - Makrakis, N.K. (1990). *Languages retention among Second generation Greek imigrant pupils: The case of the Greek Saturday School in Stockholm*. Estocolmo: Institute of International Education. University of Stockholm.
- 23 - Nelimo. (1989). *Seminário sobre a Padronização da Ortografia de Línguas Moçambicanas*. Maputo: INDE-UEM/NELIMO.
- 24 - Ngunga, A.S.A (1992). *Breves notas sobre a Situação linguística de Moçambique*. Maputo: In Jornal Notícias DE 28.02.1999
- 25 - Quintão, L. 1951. *Gramática de Xirhonga*. Lisboa: Agência geral das Colónias, Divisão de Publicações e Bibliotecas.
- 26 - Ribeiro, A. 1965. *Gramática Changana*. Caniçado: Editorial "Evangelizar"
- 27 - Sá Nogueira, R. (1960). *Dicionário Ronga-português*. Lisboa: Junta de Investigações do Ultramar.
- 28 - Saldanha, E. D'Almeida. (1928) *Questões Nacionais: O Sul do Save*. Lisboa: Tipografia Formosa.
- 29 - Saussure, F. (1992 ed.). *Curso de Linguística Geral*. Lisboa: Publicações D. Quixote.
- 30 - Siteo, B. (1996). *Dicionário Changana-português*. Maputo. INDE
- 31 - Stroud, C. (1997) *A construção Social do Português de Moçambique* in Straud & Gonçalves (orgs) *Panorama do Português Oral de Maputo*. Vol I. Objectos e Métodos. Maputo: INDE
- 32 - Thomason S.G & Kaufman T. (1988) *Language contact, creolization and genetic linguistics* Los Angeles: University of California Press.
- 33 - Trudgill, P. (1983) *Sociolinguistics: An introduction to Language and Society*. London: Penguin Books.

- 34 - Wardhaugh, R. (1986). *An introduction to SOCIOLINGUISTIC*. Oxford, UK: Blackwell publishers.
- 35 - Wardhaugh, R. (1987). *Language in competition*. Oxford: Basil Blackwell Ltd.
- 36 - Weinreich, U. (1974ed). *Languages in contact*. Paris: The Netherland Mouton

ANEXO 1

FICHA DE INQUÉRITO

Nome _____

Idade _____ Naturalidade _____

Sexo _____ Profissão _____

Qual é a língua que os seus filhos e a sua esposa falam _____

Falam correctamente? _____

Porquê?

Na sua opinião qual é a diferença entre o Ronga e o Changana?

Em qual das duas línguas há maior incorporação dos termos da outra?

Dê exemplos:

Na sua zona residencial ainda há maiores evidências de preservação das línguas Ronga ou Changana

Justifica.

Na Cidade do Maputo há pessoas de várias origens. Qual é a sua opinião sobre a manutenção das línguas Ronga e Changana?

Qual é a sua opinião sobre o que acontece actualmente na Cidade do Maputo no uso das línguas Ronga e Changana?

ANEXO 2
GUIÃO DE ENTREVISTA

Nome

Qual é a língua que habitualmente usa nas conversas com amigos e familiares? _____

É a sua língua materna _____

Na sua opinião qual é a língua moçambicana que mais se usa na Cidade do Maputo?

O que lhe leva a considerar essa língua como a mais usada?

Na sua opinião existe uma diferença entre as línguas Ronga e Changana? _____

Qual?

A língua que se fala na Cidade do Maputo é Ronga ou Changana? _____

Porquê?

Qual é o seu sentimento em relação ao uso de cada uma delas?

Em que ambientes sociais parece haver mais influência do Changana nos usos linguísticos dos Rongas?

Na sua opinião quais as razões da tal influência do Changana no Ronga?

Em que ambientes sociais parece haver mais influência do Ronga no Changana?

Na sua opinião quais as razões da tal influência do Ronga no Changana?

Quê é que se deve fazer para o reavivamento destas línguas?

Onde é que aprendeu a ler na sua língua materna? _____

É religioso _____

(se sim) Em que língua costuma ler a literatura religiosa? _____

Os livros e revistas usadas na sua igreja estão em Changana ou em Ronga? _____

É a sua língua materna _____

Em que situações usa esta língua _____

Se esta não é a sua língua materna como é que se sente ao usá-la para questões religiosas? _____

Costuma usar esta língua durante as conversas com os seus familiares? _____

Como é que reagem perante tal uso? _____

Qual é a sua opinião em relação aos usos e espaços linguísticos do Ronga e Changana?

ANEXO 3

QUADRO DE CONTÓIDES DA LÍNGUA RONGA

	Labial	Lab-dental	Alveolar	Alveolar retroflexo	Palatal	Velar	Glotal
Oclusivas							
Surdas	p		t			k	
Sonoras	b		d			g	
Implosivas							
Surdas						!	
Sonoras	ɓ		ɗ			g!	
Nasais	m		n		ɲ	ŋ, ŋ!	
Fricativas							
Surdas		f	s, ʃ	ʂ	ʃ		h
Sonoras		v,	z, ʒ		ʒ		
Africadas							
Surdas	pʃ	pf	ts	tʂ	tʃ		
Sonoras	bʒ	bv	dz	dʂ ɖ	dʒ		
Laterais							
Surdas			tl		λ		
Sonoras			l; dl		ɬ		
Vibrantes			r	ɽ			
Semivogais	w				j		